



PROJETO DE LIVRO INFANTOJUVENIL UTILIZANDO ILUSTRAÇÃO E TIPOGRA- FIA PARA ABORDAR A INFLUENCIA DA ENTONAÇÃO NA COMUNICAÇÃO VERBAL

YOUTH BOOK PROJECT
USING ILLUSTRATION AND TYPOGRA-
PHY TO ADDRESS THE INFLUENCE OF
INTONATION IN VERBAL COMMUNICATION

Trabalho de conclusão do curso de Design
da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
USP

Junho de 2017

Rafael Jun Abe | 7597635

Orientadora Professora Drª. Clice de Toledo Sanjar Mazzilli

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação

Serviço Técnico de Biblioteca

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

A138p

Abe, Rafael Jun

PROJETO DE LIVRO INFANTOJUVENIL UTILIZANDO ILUSTRAÇÃO E TIPOGRAFIA PARA ABORDAR A INFLUENCIA DA ENTONAÇÃO NA COMUNICAÇÃO VERBAL / Rafael Jun Abe ; orientadora Clice de Toledo Sanjar Mazzilli. - São Paulo, 2017. 112p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Entonação. 2. Leitura. 3. Ilustração. 4. Design.
5. Infantil. 6. Infantojuvenil. I. Mazzilli, Clice
de Toledo Sanjar, orient. II. Título.

RESUMO

Este caderno é a documentação do processo de projeto do trabalho de conclusão do curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), cujo objetivo é investigar o campo da linguagem. Relacionar comunicação verbal e design por meio do livro ilustrado, propondo ilustrações que apresentem situações adversas decorrentes de pequenas mudanças de entonação em uma mesma frase, que poderiam muito bem ocorrer no dia a dia dos leitores. A união de ilustração, tipografia e a forma como são diagramadas as páginas contribuem para que se crie essa reflexão.

Palavras-chave: Entonação; Leitura;
Ilustração; Design; Infantil; Infantojuvenil

ABSTRACT

This booklet is the documentation of the design process for the term paper of the Design course of the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAU USP), whose objective is to investigate the field of language. Relate verbal communication and design through the illustrated book, proposing illustrations that present adverse situations arising from small changes of intonation in the same sentence, which could very well occur in the readers' daily lives. The combination of illustration, typography and the way the pages are diagrammed contribute to this reflection.

Keywords: Intonation; Reading; Illustration; Design; Children; Youth

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus pela vida que me deu. Em segundo, à minha família: Roberto, Cleide, Flávia, Andrea, Roberta, Fernanda e Apple pela criação que tive e por tudo que me ensinaram e me permitiu chegar a este momento. À Cinthia pelo apoio em tantos momentos em que precisei. Também à todos meus amigos que participaram direta ou indiretamente, por meio de sugestões, entrevista ou mesmo uma simples conversa para organizar meus pensamentos. Lembrando também da Clice pela paciência e pela orientação. Também cabe aqui um agradecimento especial à Nanda por todo auxílio que deu ao projeto.

Muito obrigado.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. TEMA	12
3. METODOLOGIA	14
4. PESQUISA	19
4.a. Pesquisa bibliográfica	20
4.b. Estudos de casos	36
4.c Entrevistas	58
5. EXPERIMENTOS	68
6. REQUISITOS DE PROJETO	77
7. GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS	78
8. DEFINIÇÃO DE PARTIDO	88
9. RESULTADO	96
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
11. BIBLIOGRAFIA	102

1. INTRODUÇÃO

Este projeto surgiu a partir de uma reflexão sobre a comunicação e os elementos que a compõem e foi se desenvolvendo a partir de uma série de questões, até alcançar o resultado que será apresentado ao final deste caderno. De uma forma bem resumida, a proposta é explorar, por meio de elementos visuais, um recurso da língua conhecido como entonação.

Entonação, de acordo com o dicionário Michaelis, pode ser classificado como:

- 1 - Ato ou efeito de entonar.
- 2 - Inflexão ou modulação que se dá ao emitir um som vocal;
- 3- Variação de altura do tom que recai sobre uma palavra ou série de palavras;
- 4 - Variação no modo de emitir um som para marcar a intenção do falante (afirmação, exclamação, interrogação, surpresa etc.);

É um tema muito presente no cotidiano de todas as pessoas, embora de maneira discreta - por ser usado naturalmente e de forma inconsciente. É um recurso necessário para dar expressão à fala, complementando a linguagem verbal e auxiliando – ou atrapalhando, em alguns casos – a comunicação entre as pessoas. Ou seja, quando bem empregado, pode dar uma maior clareza no momento de envio de uma mensagem oral para o receptor final.

A ideia do projeto surgiu a partir da maturação de uma série de discussões realizadas durante a disciplina de Metodologia de Projeto em Design, ministrada pelo Professor Doutor Cláudio Portugal. A partir deste ponto, começou a tomar forma com a ajuda da pesquisa e foi sendo lapidado por meio de conversas com amigos, conhecidos, especialistas em diferentes áreas e, com a ajuda da professora orientadora do projeto, foi sendo cada vez mais refinada até chegar no resultado final.

2. TEMA

Durante a busca por um tema, houve um momento inicial, onde tudo o que existia eram áreas de interesse, mas sem um propósito maior ou motivação para determinar uma escolha de forma mais objetiva. Mostrou-se necessário o levantamento de uma questão a ser solucionada por meio de um projeto de design. Pensando-se no todo do campo do design gráfico como grande área de interesse e fechando aos poucos um recorte em áreas menores como ilustração, iniciou-se um trabalho de brainstorming que se deu a partir da seguinte reflexão: “Qual seria uma questão passível de ser resolvida usando o processo de metodologia de design e que esteja relacionado aos livros infantis?”.

Decompondo a pergunta acima em áreas que abrangem ou tangenciam o universo em questão, iniciou-se uma pesquisa de aproximação onde, em um primeiro momento, enxergou-se um paralelo entre leitura e música. A base da comparação era o modo como uma partitura, utilizando de um pentagrama e uma série de símbolos – como claves, pausas, mínimas, semínimas, colcheias, crescendos, fortes e pianos, entre diversos outros símbolos – pode ser capaz de criar uma gama de diferentes e variadas dinâmicas ao se tocar um instrumento. É possível dar andamento a melodias mais rápidas, ou devagares; músicas românticas ou mais tristes; e com momentos tanto alegres como de tensão e suspense. E tudo isso utilizando-se de um único sistema gráfico – bastante complexo.

Do mesmo modo como uma partitura, foi investigada a possibilidade de elaboração de um sistema mais visual para se comunicar uma dinâmica específica de leitura, mas capaz de ser realizada a partir de um texto e utilizando-se de uma linguagem mais simples e de fácil assimilação do que no caso da música, que demanda de anos de estudo e prática diária para se ter uma fluência de leitura.

Neste momento, paralelamente à ideia da partitura, eram realizadas conversas e entrevistas com uma série de pessoas ajudaram a direcionar a escolha do tema, sobretudo a percepção de alguns pais de crianças pequenas, que liam para seus filhos antes de dormir. Estes pais citaram uma certa dificuldade em se criar diferentes entonações enquanto realizavam a leitura. Percebida tal questão e, havendo interesse tanto do autor, quanto dos entrevistados, determinou-se que o tema do projeto seria trabalhar em uma solução para se demonstrar a entonação utilizando-se de ferramentas familiares ao campo do design.

Uma das diferenças dessa abordagem inicial para o resultado final do projeto ocorreu em relação ao usuário foco do produto final: inicialmente foi pensado o público adulto – mais especificamente pais que leem para crianças. Porém, como será mostrado adiante, o foco em um público infantil se mostrou muito mais interessante, apesar de desafiador. E, ao final do projeto, veremos uma nova mudança para um público mais jovem, devido à complexidade apresentada pelo tema.

3. METODOLOGIA

Tendo o tema em mãos, era possível iniciar o projeto. Para criar uma maior fluidez no decorrer do projeto, foram elegidas uma série de etapas, pensadas de modo a auxiliar no desenvolvimento do projeto. O conjunto dessas etapas caracteriza aquilo que é conhecido no design como **metodologia de projeto**. A adoção de uma metodologia se mostrou necessária para que fosse explorado o máximo de possibilidades no curto espaço de tempo e com as limitações que um trabalho individual possui, além de manter, paralelamente, uma continuidade entre as partes, não perdendo a identidade ou se desviando do tema ao longo de todo processo.

Foi definido o uso de uma metodologia de design como aquela proposta por Bruno Munari, composta por duas grandes fases de projeto – a pesquisa e o desenvolvimento – mas com a presença de sub-fases menores antes, durante e após cada uma dessas grandes fases. É possível classificar a metodologia da seguinte forma: partindo-se da **Problematização**, passa-se pela primeira grande fase de **Pesquisa** a fim de se levantar e tratar dados para gerar os **Requisitos de projeto** que guiarão a última grande fase: a de **Desenvolvimento**, onde se filtra e se refina as possibilidades levantadas até se alcançar uma solução aceitável para o problema apresentado, de modo a englobar os requisitos definidos anteriormente para, por fim, haver a **Comunicação** do resultado obtido.

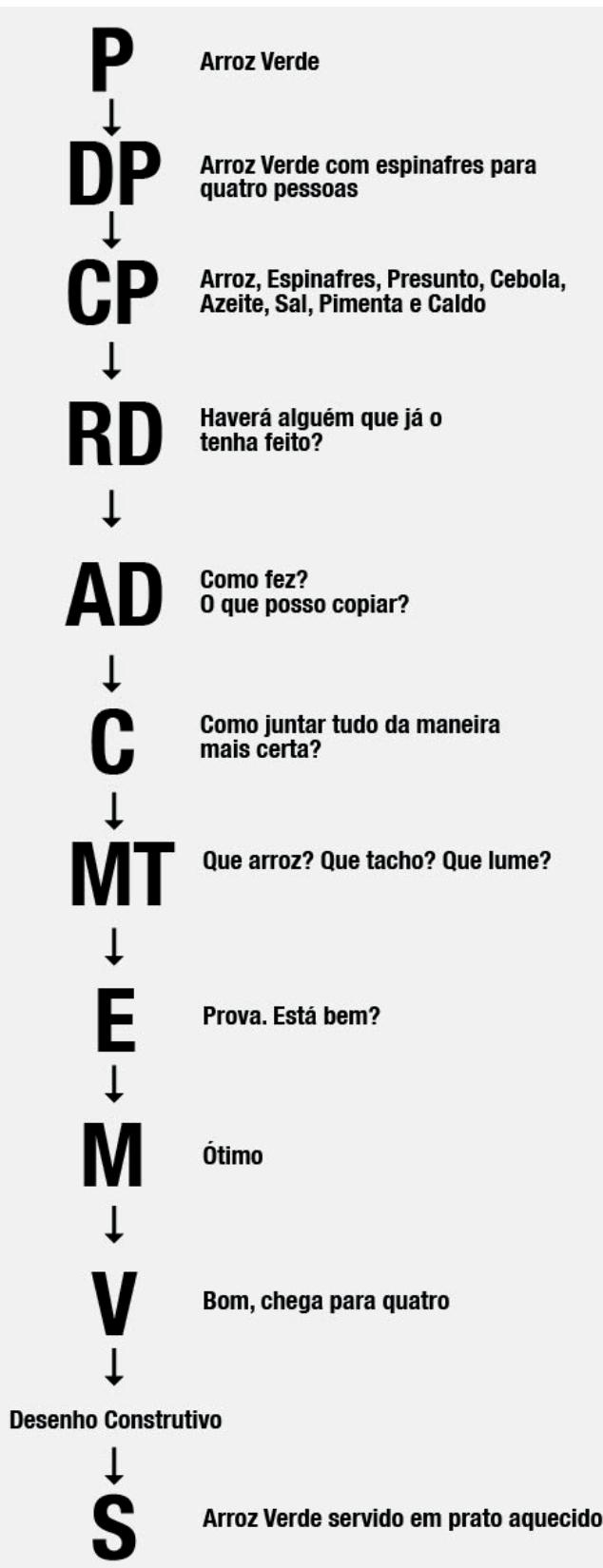


Figura 1. Exemplo dado por Bruno Munari em seu Livro “Das coisas nascem coisas”.
Fonte: < <http://www.processoassociativo.com/wp-content/uploads/2013/04/ult.jpg> >

Tal metodologia foi aplicada mantendo sua essência, porém realizando alterações para que houvesse uma adequação às especificidades que o tema trouxessem em sua essência. Reagindo de uma forma mais dinâmica e respondendo da forma que o projeto ‘pedia’ em cada uma das etapas. Por exemplo, voltando-se à pesquisa quando as informações levantadas até então se mostraram insuficientes para se dar o próximo passo, ou avançando quando se esgotava uma certa questão.

Em uma breve explicação de cada uma das etapas há, primeiramente, a **PESQUISA**. Esta difere daquela inicial, de definição do tema, por ser mais objetiva, voltada a se entender o universo de trabalho antes de iniciar o projeto. É onde se inicia a primeira sub-etapa conhecida como **LEVANTAMENTO DE DADOS**. Aqui, houve uma divisão em três frentes:

- Pesquisa bibliográfica
- Projetos análogos ou semelhantes
- Entrevistas

A **Pesquisa Bibliográfica** se caracteriza por ser um momento de grande aprendizado ao permitir o aprofundamento de questões em um universo novo e pouco conhecido. O levantamento de **Projetos análogos ou semelhantes** permite conhecer o estado da arte e boas práticas no que diz respeito a questões ligadas ao tema. Por fim, as Entrevistas são mais uma forma de se conseguir informações, porém partindo de opiniões e percepções mais pessoais ou mesmo de senso comum, percebido por meio de conversas com indivíduos selecionados de acordo com a necessidade apresentada em cada momento.

Foi necessário elaborar uma etapa paralela à de levantamento e tratamento de dados. Muito semelhante às entrevistas, porém mais assertiva, buscando validar ou abandonar uma certa ideia em específico. Houve a criação de uma série de protótipos simples para teste de possíveis linguagens a serem utilizadas em um possível sistema de notação e, em seguida, apresentados às crianças para serem feitas devidas avaliações. O nome dado à esta etapa foi **EXPERIMENTOS**. Após a análise dos resultados dos testes, caso constatada alguma falha, uma alteração era então sugerida e o teste aplicado uma segunda vez para se ter resultados mais precisos. Essa foi uma etapa que se teve início, de certa forma, uma geração de alternativas para o tema proposto, mas ainda com ideias muito embrionárias e de caráter investigativo.

Ao final destes procedimentos de pesquisa e tratamento de dados, algumas diretrizes foram se revelando e apontando caminhos menos abrangentes e mais factíveis para a resolução do problema. Essa etapa transitória, ainda anterior à geração de uma alternativa é quando ocorre a geração dos **REQUISITOS DE PROJETO**, que nada mais são do que as diretrizes que guiarão a próxima grande etapa do projeto, a de **DESENVOLVIMENTO**. É nessa etapa que está o coração do projeto, pois é quando são exploradas diferentes alternativas, mockups, modelos funcionais e de aparência, sempre buscando, de forma criativa, um fechamento adequado para o tema proposto.

Fechando esse longo processo, conclui-se o trabalho com a fase de **COMUNICAÇÃO**, onde é feita a compilação de tudo o que foi feito ao longo do projeto para se apresentar de uma forma mais concisa e objetiva as diversas etapas, processos e resultados obtidos, junto de suas principais características e aplicações. Este caderno é resultado desta compilação, pois como o próprio nome sugere, é neste momento que se comunica e se apresenta ao mundo o projeto.

4. PESQUISA

A pesquisa ocorre visando entender melhor o assunto e contrapondo argumentos para validar, ou justificar, as escolhas que levaram a recortes e alterações no tema, ao longo do processo do projeto. O critério para realização de tais mudanças foi a utilização de dados de diferentes naturezas, como: análise de projetos existentes em campos como cinema, teatro, música e mesmo física; informações contidas em livros; opiniões expressas por meio de entrevista a especialistas em suas respectivas áreas do conhecimento, por exemplo educadores, músicos, fonoaudiólogos e mesmo conversas mais informais com pais e seus filhos.

4.a. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Realizou-se, praticamente ao longo de todo o projeto, um estudo bibliográfico de assuntos mais específicos. Temas tais como o ensino infantil e as diferentes formas de alfabetização existentes precisaram ser aprendidos; houve também um aprofundamento em como livros infantis e infanto-juvenis relacionam palavras e imagens e mesmo ilustração; e não menos importante, se mostrou necessário rever e reforçar o conhecimento sobre assuntos comumente explorados no campo do design – e que seriam intimamente ligados ao projeto como, por exemplo, a síntese visual, gestalt, e semiótica.

Uma questão que surgiu nos estágios iniciais da elaboração do tema – e que perdurou ao longo de todo o projeto, mudando diversas vezes – girava em torno do usuário: **o foco seria no usuário adulto? Ou seria o caso trabalhar com o público infantil?**

Como será visto a seguir, para o público adulto – inicialmente pensado – já existe uma série de soluções, sejam boas ou ruins, mas já consagradas e convencionadas e que funcionam, em maior ou menor grau, para resolver as questões de entonação ou mesmo para representar visualmente um som (ver **PROJETOS ANÁLOGOS OU SEMELHANTES**). Somando esse fato a informações encontradas durante a pesquisa bibliográfica, ficou decidida a mudança do foco para o público infantil.

Logo no início do livro “Crítica, teoria e literatura infantil”, de Peter Hunt, é possível se deparar com a seguinte frase, que apresentava um desafio e em muito se relacionava ao momento de reflexão em que se encontrava o projeto:

“O livro infantil apresenta um problema mais difícil, tecnicamente mais interessante - o de fazer uma declaração adulta inteiramente séria, como qualquer bom romance, sendo extremamente simples e transparente [...]. A necessidade de compreensão impõe uma obliquidade emocional, um procedimento indireto na abordagem, que, como a elisão e a afirmação parcial na poesia, muitas vezes é fonte de força estética.” - Peter Hunt, Crítica teoria e literatura infantil - capítulo 3, página 77

Tendo em mente o público em idade de alfabetização – em torno dos 6 ou 7 anos de idade – foi dado um maior foco na busca de dados que dessem uma maior noção escala do problema. De acordo com o IBGE, em 2000, o número de crianças com idades entre 5 e 9 anos no Brasil era de 16.542.327 pessoas e, como ressaltado em uma matéria do G1, publicada em 17/09/2015, de acordo com o MEC, uma em cada cinco crianças de 8 anos de idade, ou seja, a maioria dos alunos do 3º ano fundamental – quando acaba o ciclo básico de alfabetização – “(...) só consegue encontrar informações que estejam em evidência em textos curtos. Se não estiver no primeiro parágrafo, elas apresentam dificuldade pois só aprenderam a ler palavras isoladas.”

Dados de 2009 indicam que os Analfabetos funcionais – pessoas que podem conseguir ler frases e sentenças simples, mas não têm capacidade de compreender um texto – representam 20,3% da população brasileira. Considerando esse panorama do nível de alfabetização dos brasileiros, é interessante entender melhor como funciona o processo de alfabetização.

No módulo 2 da cartilha do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), do ano de 2001, no texto “É possível ler na escola?”, a Professora Delia Lerner define a Escola como sendo um “espaço de ficção” e passa a realizar uma série de questionamentos sobre a eficácia dos métodos de alfabetização. Um ponto levantado é que, durante o processo de aprendizagem, o que se lê do texto é somente aquilo que o professor entende como resposta e as provas e exercícios simplesmente reiteram isso, pois só há uma interpretação correta: a do professor. Isso limita muito o aprendizado e interpretação do aluno, que passa a buscar aquilo que o professor quer como resposta, mais do que explorar o texto por si só é tentar extrair algo diferente daquilo que se está escrito.

Ainda no campo da leitura, em um certo momento de seu livro, Belintane (2010,p.76) relata sua percepção sobre a capacidade de leitura de crianças, baseado em suas próprias pesquisas, as quais podemos tomar emprestado o resultado para confirmar algumas questões levantadas sobre o assunto. O autor diz que, nas pesquisas que realizou, pôde encontrar “crianças que são capazes de dar voz a um texto muito rapidamente, mas sem compreender seu sentido.” além de encontrar também “outras que extraem essa voz com muita dificuldade, subvocalizando cada palavra, cada sílaba, a tal ponto do efeito de retroação que enlaça o sentido não se fazer.” Por fim, o autor ressalta que “também há, são poucas, mas existem - crianças que conseguem ler com fluência e em silêncio, compreendendo em profundidade o texto que leem.”

Os poucos testes realizados para o presente projeto reiteram tais resultados, pois foi percebida certa dificuldade de compreensão no texto, apesar da criança conseguir extrair a voz durante a leitura e, em outros casos, uma compreensão maior do texto sem que houvesse essa verbalização – o que mostra também a importância de se saber ler em silêncio. Este foi outro motivo que levou a uma nova mudança do público, agora para crianças um pouco mais velhas e já alfabetizadas.

Considerando esse conjunto formado pela capacidade de leitura, entendimento e interpretação de um texto, Peter Hunt (2010, p.105) diz que “O sentido é produzido com o leitor e o livro. Embora possa parecer que o sentido reside simplesmente no livro, e que o leitor assume o sentido pela leitura, não é filosoficamente provável nem empiricamente verdadeiro.”, ou seja, não basta um livro, seu conteúdo e um leitor que conheça o alfabeto para existir entendimento. Para que um texto adquira significado é necessário algo a mais. Nas palavras de Frank Hatt, citado pelo próprio Hunt em seu livro:

“Um leitor lerá textos diferentes de maneiras diferentes; um texto será lido de modo diferente por leitores diferentes. Um leitor lerá o mesmo texto diferentemente em ocasiões diferentes; na verdade, ele lerá partes diferentes do mesmo texto de modos diferentes durante o curso de um só ato de leitura, à medida que seu humor, propósito e conhecimento se alteram.” - Frank Hatt, *The Reading Process. A framework analysis and description.* Londres/ Hansen, CT: Clice Bingley/ Linnet, 1976, p.71

É possível ver que o processo de leitura e compreensão passa por algo além da simples reprodução dos fonemas de um texto, podendo até mesmo ocorrer casos em que é abstraído um sentido da leitura e atribuído outro em seu lugar. Claudemir Belintane (2013, p.35) trata desse assunto dizendo que “*o ato de esvaziar, ou seja, jogar fora o sentido de uma palavra para que outro venha sobre ela se assentar (...) é uma operação fundamental da linguagem e da leitura.*”

Novamente, Belintane (2010,p.55) fala desse processo de entendimento que, em parte, passa pela memória e experiências passadas do usuário ao citar o caso de uma bronca de uma mãe direcionada à criança, mas onde o sentido se perdeu e a bronca acabou se tornando parte de uma cantiga para a criança visto que “*a associação inconsciente entre duas formas aciona ‘algo perdido’ de uma cena anterior (...)*”. O sentido, no meu caso, se fez do texto lido, com uma situação anterior, ao passo que no exemplo, uma cantiga ouvida anteriormente sobreponhou o sentido da bronca, e este se perdeu no meio da brincadeira da criança.

Retomando o tema do ensino da língua, após conhecer melhor como funcionam os processos cognitivos que levam ao entendimento de frases dentro de um livro, é o momento de melhor detalhar os métodos de alfabetização mais conhecidos e aplicados atualmente no ensino da língua portuguesa. Esses métodos podem ser divididos em dois grandes grupos que se desmembram em métodos mais específicos, cada um deles focado em um determinado elemento da linguagem (letra, palavra, frase, etc..). As definições a seguir são dadas por Christianne Visvanathan no artigo “Métodos de alfabetização: quais são e como funcionam?”.

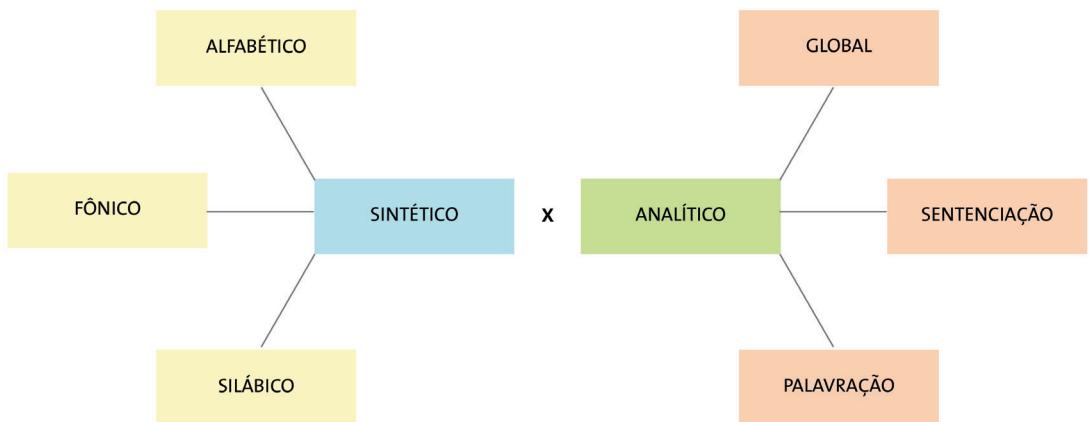


Figura 2. Representação visual dos grandes métodos de alfabetização e modos que compõe cada um dos respectivos métodos.

Método analítico

Defende que a leitura é um ato global e audiovisual. Partindo deste princípio, os seguidores do método começam a trabalhar a partir de unidades complexas de linguagem para depois dividí-las em partes menores. Dentro desse método, podemos detalhar outros três modos de ensino: O Global, que é o método composto por várias unidades de leitura com começo, meio e fim, sendo ligadas por frases com sentido para formar um enredo de interesse da criança; A Sentenciação, onde a unidade inicial é a frase, que depois é subdividida em palavras, de onde são extraídas as sílabas (os elementos mais simples); e Palavração onde parte-se da palavra, com um primeiro contato com os vocábulos em uma sequência que engloba todos os sons da língua. Depois da aquisição de um certo número de palavras, inicia-se a formação de frases.

Método sintético

Estabelece uma correspondência entre o som (oral) e a grafia (escrito) através do aprendizado letra por letra, sílaba por sílaba e palavra por palavra. São parte do método sintético o Método Alfabético, que parte das letras para então ensinar as sílabas mais simples (compostas por consoantes e vogais), depois para o ensino das palavras e, por fim a formação de frases; o Método Fônico cujo foco está em ensinar a associação entre fonemas (sons) e grafemas (escrita); e o Método Silábico que parte das sílabas para, a partir desse ponto inicial, formar palavras.

Porém, a didática nesses casos é bastante criticada, até mesmo pelos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (PCN-LP) (Brasil, 1998) - documento desenvolvido pelo Governo Federal, na qual educadores encontram referências para preparar suas aulas em todas as disciplinas e séries escolares. Essa crítica ocorre porque tais métodos de ensino da língua, formados com uma sequenciação aditiva de conteúdos - junções de sílabas (ou letras) para formação de palavras, a junção dessas últimas para se formar frases para, enfim, com a junção de frases, formar textos - teria levado a escola “a trabalhar com ‘textos’ que só servem para ensinar a ler (...) que não existem fora da escola e (...) nem se sequer podem ser considerados textos, pois não passam de simples agregados de frases.”

Após conhecer alguns métodos de alfabetização, vale rever as relações entre os livros infantis e a educação, mas agora tratando do papel de tais livros na formação de novos leitores. Um primeiro fator que pode ser citado, é o fato de livros, como um todo, ajudarem na formação de conceitos pessoais ao apresentar situações, diálogos e ideias diferentes ao longo de suas páginas. Fazendo o leitor refletir sobre o que é dito, com base nos conhecimentos que já possui e que podem somar ou se contrapor à fatos já conhecidos.

Como os livros para crianças são comumente escolhidos por um adulto responsável, seja os pais ou professores, podemos afirmar que, por trás de tais escolhas há algum critério que determina a escolha de um livro em detrimento de outros. Estes critérios, como muito bem explicado por Peter Hunt (2010), acabam atribuindo aos livros infantis um caráter ou Dominador ou Libertador, sendo que a diferença de um para o outro se dá com base no argumento apresentado como justificativa de escolha. Este pode tanto configurar em uma crítica - defendendo o que é “bom” ou “ruim”, na opinião pessoal, mas mantendo ambas opções disponíveis - ou em censura, quando se priva o outro daquilo que se considera “ruim” e só permite o acesso ao “bom”.

A conclusão, partindo desta linha de raciocínio, é que aquilo que a criança lê muitas vezes passa por um filtro que se baseia nas percepções dos adultos sobre o que seria melhor para ela. Tal filtro, pode ser diretamente relacionado ao que Hunt (2010, p.217) ressalta como sendo os três diferentes de valores contidos em um livro infantil: o valor cultural, valor pessoal e o valor educativo. E seriam esses três, os critérios de escolha de um livro infantil por parte dos adultos. Tendo isso em mente, colocaremos neste trabalho, o foco no âmbito

educativo, dando bastante destaque para a relação texto-imagem presente em grande parte dos livros infantis atuais.

Sobre tal relação entre visual e verbal, deixo uma primeira citação que resume um pouco o que trataremos nos próximos parágrafos:

“Os códigos gráficos (...) são interativos, simultâneos, embora nem sempre congruentes com os códigos do texto verbal ou do mundo apresentado.” - William Moebius, “Introduction to Picture Book Codes”, in Word and Image, n.2, v.2 abril-junho, 1986, pp.141-58, na p.151

Ainda no mesmo assunto, podemos também ver z citação de outra autora, mas do ponto de vista dos ilustradores::

“No entendimento dos ilustradores de hoje, os livros-ilustrados lidam na realidade com dois argumentos, o visual e o verbal; e cada um pode ser escalonado separadamente para um mútuo reforço, contraponto, antecipação ou expansão.” - Sonia Landes, “Picture Books as Literature”, Children’s Literature Association Quarterly, n.10, v.2, verão 1985, p.52

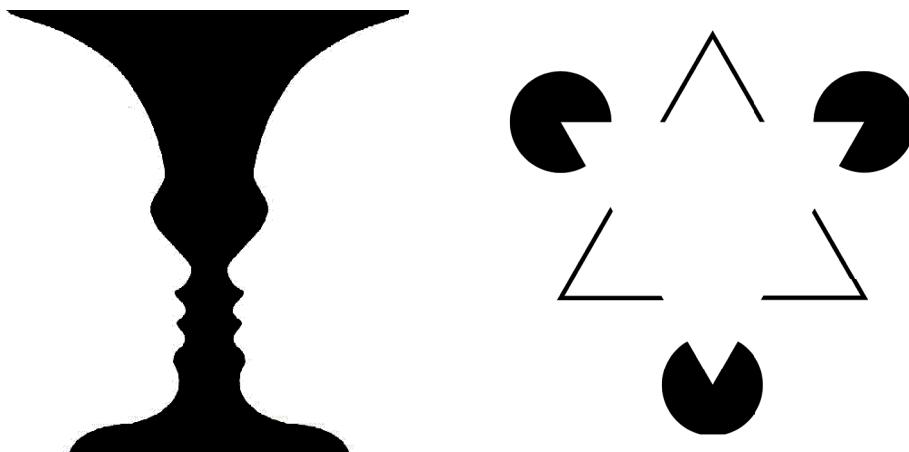
Com esses dois trechos acima, podemos ver a existência de diversos tipos de relações imagem-textuais. O primeiro cita uma interatividade e simultaneidade de linguagens, mas abrindo a possibilidade de uma não congruência entre elas. Já o segundo, fala de uma série de outras relações que não é necessário repetir, mas as quais Linden (2011, p.120 e p.121) estabelece como sendo três os principais tipos de relação, as quais ela dá o nome de redundância, colaboração e disjunção.

REDUNDÂNCIA	COLABORAÇÃO	DISJUNÇÃO
<p>Sobreposição total dos conteúdos: Isotopia narrativa. Nada do texto ou da imagem vai além do outro</p> <p>Sobreposição parcial dos conteúdos: Congruência do discurso, mas um deles diz mais que o outro</p>	<p>Cada um, alternadamente, conduz a narrativa, ou cada um preenche as lacunas do outro. Interação de duas mensagens distintas para uma realização comum de sentido.</p> <p>Divergências construtivas</p>	<p>Textos e imagens seguem vias narrativas paralelas</p> <p>Textos e imagens entram em contradição</p>

Figura 3. Diagrama criado com base no texto do livro “Para ler o livro ilustrado” de Sophie Van der Linden

Além desses três tipos de relação, é citado também uma série de outras funções que derivam da relação de prioridade de uma linguagem sobre a outra ao estabelecer uma “instância primária” e uma “instância secundária”. Serão ressaltadas apenas duas relações, consideradas como aquelas que se relacionam mais intimamente com o objetivo final deste trabalho. São elas a função completiva, que ocorre “quando a segunda expressão intervém sobre a prioritária, pode dar ensejo ao entendimento de um sentido global. Uma completa a outra, fornece informações que lhe faltam, preenche suas lacunas ou ‘brancos’, constituindo um aporte indispensável para compreensão do conjunto” e a função de amplificação, onde “um pode dizer mais que o outro sem contradizê-lo ou repeti-lo. Estende o alcance de sua fala trazendo um discurso suplementar ou sugerindo uma interpretação.”

Já no âmbito estritamente da linguagem visual, é possível citar os princípios de estudos e pesquisas de percepção e síntese visual, que tratam da percepção de formas, faces e emoções, associadas a cores, noção de profundidade, sentido e movimento. Um estudo muito conhecido sobre o assunto é o que diz respeito à teoria da Gestalt, o estudo da percepção da forma do ponto de vista da psicologia humana, elaborado por Max Wertheimer e que envolve princípios como o da proximidade, semelhança, fechamento, unidade, pregnância e continuidade enfatizando como o entendimento humano age ao observar duas ou mais formas que sigam um desses conceitos apresentados, por exemplo agrupando objetos semelhantes ou de acordo com sua proximidade, completando formas abertas ou enxergando movimento em formas que apresentem uma sequência e continuidade.



Figuras 4 e 5. **Exemplos de gestalt**. Fontes <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/55/Kanizsa_triangle.svg/2000px-Kanizsa_triangle.svg.png> e <<http://chocoladesign.com/wp-content/uploads/2014/01/RubinGestalt.gif>>, respectivamente. Acessados em 02/06/2016

Outro campo de estudo relacionado à síntese visual é a semiótica. Esse campo do estudo investiga as especificidades do signo. Signo é “qualquer elemento (uma imagem, um som, etc.) ao qual os humanos atribuíram um significado.” ou ainda “um elemento que está no lugar de outro.” Saussure o define com o composto por duas partes: o significante, correspondente à sua parte física e o significado, a ideia que a parte física transmite.

Já Pierce, muito estudado no campo de design, divide o signo em três partes, o representamen - parte física; o objeto - aquilo que a parte física representa; e o interpretante - conceito mental que nasce da relação estabelecida entre objeto e representamen, variando em função das diferentes leituras. O interpretante pode também ser um signo em si mesmo, resultando em uma série de encadeamentos lógicos. Além dos elementos que compõe um signo, Pierce também classifica os signos em três tipos:

- Ícones, que mantém semelhança com o objeto
- índices, que possuem associações de causa e efeito com o objeto
- símbolos que não mantêm relação lógica ou intuitiva com seu significado - não há convenções existentes.

Mais um ponto importante de se definir, são os diferentes tipos de livro para crianças. Para isso, serão utilizados os critérios dados por Sophie Van der Linden, onde estão definidos: o Livro com ilustração, onde o texto é predominante e autônomo (no sentido de conferir sentido à história), acompanhado de algumas ilustrações, mas o texto sustenta a narrativa; as Primeiras leituras, meio do caminho entre livro ilustrado e romance que, normalmente, dirige-

-se a leitores em processo. Em geral a narrativa é sequenciada em capítulos curtos e a diagramação assemelha-se a das histórias ilustradas, embora, com certa frequência, contenham mais vinhetas e pequenas imagens emolduradas junto do texto (e o que pode apróximá-las dos livros ilustrados; Os Livros Ilustrados, onde a imagem é preponderante em relação ao texto (que pode até estar ausente - Livro imagem) e onde a narrativa é criada pela articulação entre texto e imagens; temos também as História em quadrinhos (HQ) - Páginas majoritariamente compartimentadas por quadros que se encontram justapostos em vários níveis; Os Livros Pop-up, que acomodam sistemas de esconderijos, abas, encaixes, elementos móveis ou desdobramentos em três dimensões; Os Livros Brinquedo, que configuram objetos híbridos que apresentam elementos associados ao livro, ou livro que contém elementos em três dimensões, como pelúcias ou figuras de plástico; Os Livros interativos, que apresentam-se como suporte de atividades como pintura, construções, colagens, recortes, entre outros e que podem abrigar os materiais necessários para suas atividades, tais como tintas, tecidos, adesivos, miçangas, entre outros; e finalmente os Imaginativos [imagiers], que visam à aquisição da linguagem por meio do reconhecimento de imagens referenciais. Incluem uma sequencia de representações - acompanhadas ou não, de equivalentes linguísticos, em geral organizadas em agrupamentos lógicos.

Conclui-se que os livros ilustrados infantis podem ajudar a complementar os métodos de alfabetização existentes - e que são bastante falhos em alguns aspectos - pois os livros, diferente das cartilhas, apresentam uma linguagem mais conhecida pelas crianças (visual), simultaneamente com a linguagem ainda em desenvolvimento (verbal), tais livros dão margem a

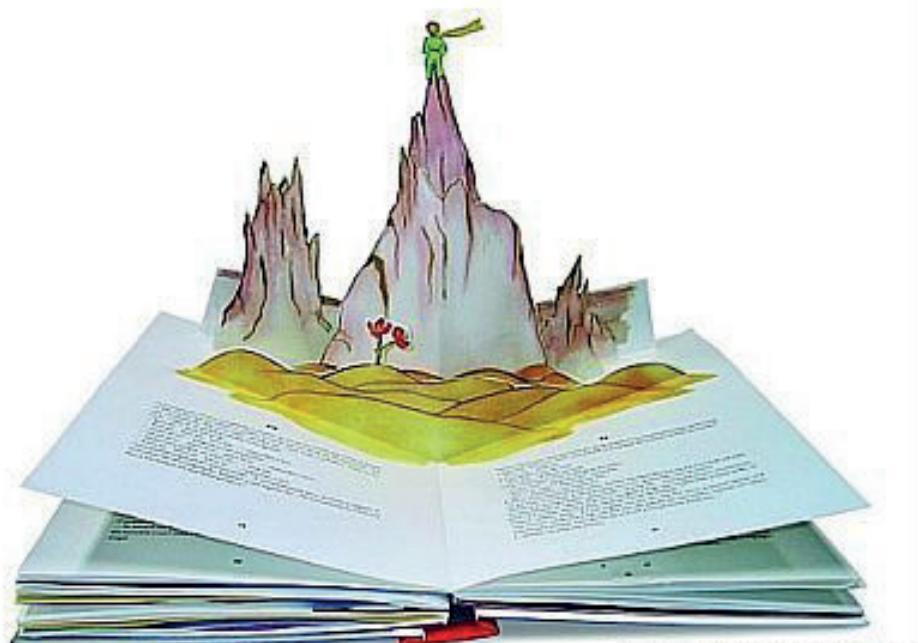


Figura 6. Exemplos de Livro

Pop-up. Fontes <<http://blogs.estadao.com.br/estadinho/2010/08/28/o-que-e-um-livro-pop-up/>>
Acessados em 29/11/2016

um entendimento mais completo do que simplesmente um apanhado de frases soltas em uma apostila. Outro ponto analisado, foi o modo como as imagens ajudam no entendimento do sentido de um texto, de acordo com a forma como as duas linguagens se relacionam. Além disso, também foi feita a investigação do modo como o substrato conhecido como livro, pode adquirir diversas qualidades outras, além de um objeto de leitura, podendo até mesmo ser um suporte para atividades lúdicas, ou mesmo agindo como um brinquedo.

Fechando a análise bibliográfica, esta última citação ressalta, primeiramente, a narrativa, mas atrelado à duas expressões da língua: o discurso e a escrita e explica como o entendimento das diferenças desses dois tipos de linguagem é importante para o desenvolvimento da habilidade de escrever e, complementando o autor, é possível dizer que não apenas escrever, mas também ler, entender e interpretar o que é lido.

“A narrativa, o sequenciamento de eventos no tempo, é um modo fundamental de organizar o relato da experiência pessoal tanto no discurso como na escrita, mas a produção bem sucedida de ‘histórias’ desse tipo em qualquer uma das situações exige conhecimento de conceitos diferentes do uso da língua; e é o desenvolvimento de uma percepção de tais diferenças que é crucial para o crescimento bem-sucedido das habilidades de escrever de uma criança.” - D.R. Olson Hunt apud Jeffery Wilkinson, “Children’s Writing: Composing or Decomposing?”. Nottingham Linguistic Circular, n.10, v.1, jun.1981, p.73.

4.b. PROJETOS ANÁLOGOS OU SEMELHANTES

Aqui, foram levantados e analisados diversos projetos que tangenciam, de alguma forma, o tema proposto. São desde formas de se expressar visualmente algum elemento sonoro, passando por alguns exemplos de pictogramas e síntese visual além de outras formas de linguagem consideradas interessantes de se analisar.

Pontuação língua espanhola (castellano)

Os característicos pontos de exclamação e interrogação invertidos (¡ e ¿) são parte da inspiração para o trabalho, por serem indícios visuais apresentados logo no inicio de uma frase, mas que mostram a entonação que se dará no final da frase. São um sinal visual que dá um aviso, e permite ao leitor antecipar e preparar a leitura desde o começo da leitura.

¡(...)! ¿(...)?

Envelope dinâmico e Espectograma do som

O envelope dinâmico é um gráfico relacionado à acústica que mostra os momentos de ataque, decaimento, sustento e liberação de um som dentro de um determinado intervalo de tempo.

Já o espectrograma mostra a Frequência ou amplitude do som em um determinado intervalo de tempo. Apesar de serem Gráficos, representações visuais como o próprio nome sugere, ambos são muito específicos ao campo da acústica, sendo necessário o entendimento das variáveis que definem os eixos dos gráficos em questão. Pouco intuitivos e de difícil entendimento a priori, mas ainda assim, ideias interessantes podem ser geradas a partir deles.

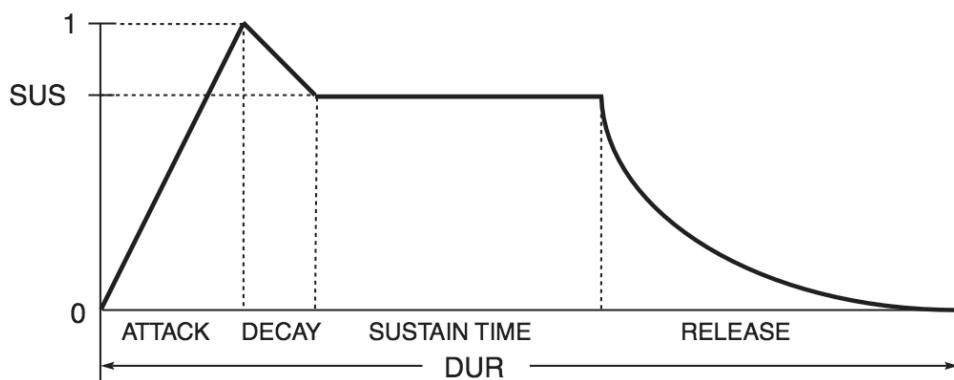


Figura 7. Exemplo de Gráfico de envelope dinâmico. Fonte:
http://ems.music.uiuc.edu/beaucham/software/m4c/M4C_introHTML/M4C_intro.ADSR.png Acessado em 16 de mai. 2016

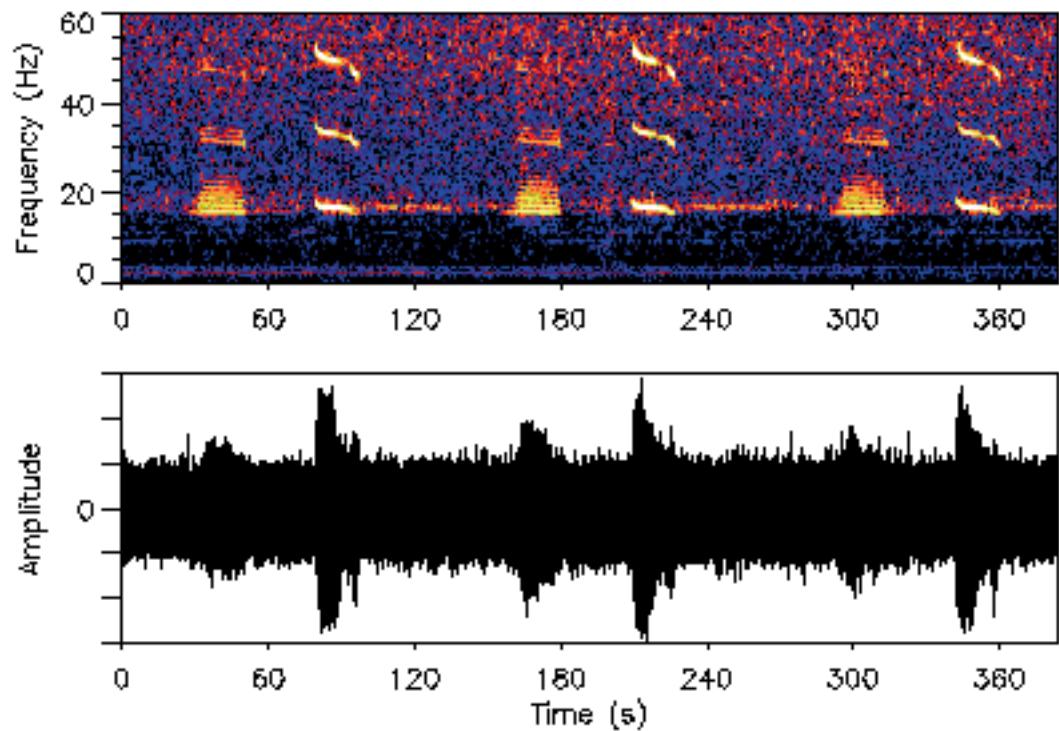


Figura 8 **Espectograma**
do som emitido por uma
baleia. Fonte: <http://oceanexplorer.noaa.gov/explorations/sound01/background/seasounds/media/timeseries_395.gif> Acessado em 16 de mai. 2016

Roteiro de cinema | teatro

Neste substrato, o modo como deve ser realizada a leitura é indicada de forma escrita, antes da frase referente a determinado personagem. Exemplifico com trecho retirado da página 28 do roteiro do filme “O ano em que meus pais saíram de férias”, de Cao Hamburger

JUNTO À JANELA –

Míriam suspira aliviada.

PELA PORTA –

DANIEL, pai de Mauro, entra aflito na sala.

DANIEL

Pega suas coisas. Nós vamos sair de férias!

Mauro fica perplexo e animado ao mesmo tempo,
e começa a recolher seus botões e a colocá-los
em sacos.

MAURO

Como férias? Amanhã tem aula.

Enquanto Mauro guarda os botões, os pais carregando
roupas e objetos pessoais.

MÍRIAM

Anda Mauro!

Mauro pega os sacos com botões e caminha em
direção à porta. Pára. Volta para mesa. Coloca
os sacos com os botões sobre a mesa.

Mauro se abaixa e pega, sob a mesa, uma BOLA
DE FUTEBOL.

Daniel volta à sala carregando as malas.



Figura 9. Capa do roteiro do filme nacional “**O ano em que meus pais saíram de férias**” de Cao Hamburgo. Fonte: < <http://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.445/12.0.813.445.pdf> > Acessado em 08 de maio. 2016

O que pode ser considerado o maior problema desse sistema é ele ser excessivamente literal. Tudo se dá por meio da escrita, sem imagens para auxiliar no entendimento dos diferentes estados de espírito indicados.

Alfabeto fonético

Como será apresentado a seguir nas ENTREVISTAS, o alfabeto fonético internacional está aqui exemplificado com uma imagem em que é possível observar todos os símbolos que o compõe. Apesar de ser uma maneira de se mostrar diferentes formas de se ler com o uso de alguns símbolos, também é necessário um aprendizado prévio. Uma aplicação conhecida deste alfabeto é a escrita da pronúncia das palavras, presente nos dicionários.

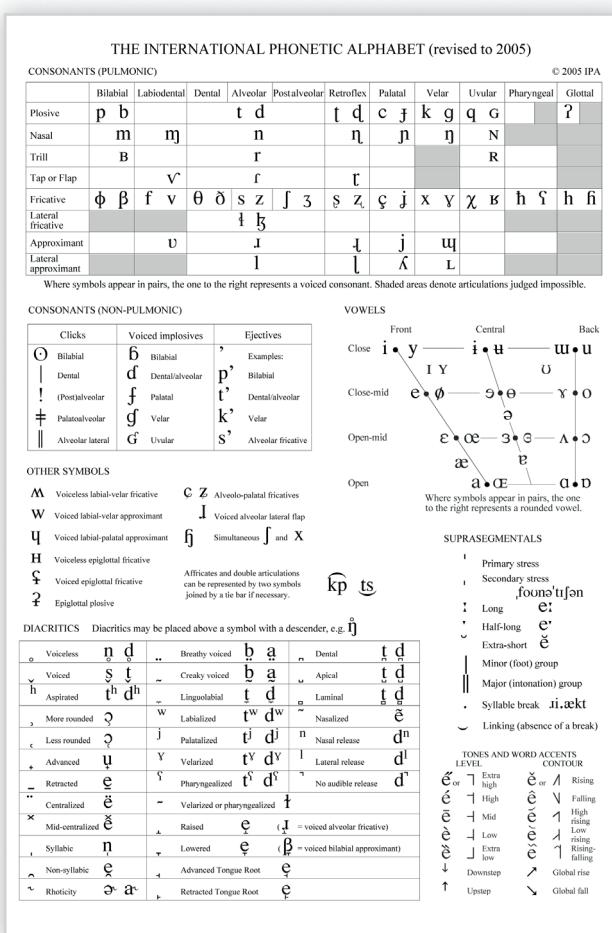


Figura 10. **Alfabeto Fonético Internacional.** Fonte: <https://www.internationalphoneticassociation.org/sites/default/files/IPA2005_2000px.png> Acessados em 02 de jun. 2016

Partitura para coral

Com a letra da música localizada no espaço entre os pentagramas e acompanhando as notas numa relação vertical, consegue representar com precisão o tom, os altos e baixos e toda a dinâmica da leitura a ser realizada, porém necessita de um aprendizado e estudo aprofundado e complexo no campo da música para ser capaz de ler a partitura de forma correta e fluida.

14

IV.

Ach herk' herk', lass dich doch eins er - wei - chen, lass dich doch eins er - wei - chen, lass dich doch eins er - wei - chen, lass dich doch eins er - wei - chen,

Ach herk' herk', lass dich doch eins er - wei - chen, lass dich doch eins er - wei - chen, lass dich doch eins er - wei - chen, lass dich doch eins er - wei - chen,

Ach herk' herk', lass mich zu dei - ner huld ge - rei - chen, lass mich zu dei - ner huld ge - rei - chen, lass mich zu dei - ner huld ge - rei - chen, lass mich zu dei - ner huld ge - rei - chen,

chen, lass mich zu dei - ner huld ge - rei - chen, lass mich zu dei - ner huld ge - rei - chen, lass mich zu dei - ner huld ge - rei - chen, lass mich zu dei - ner huld ge - rei - chen,

- lich ge - rei - chen! Wen soll doch nicht erbar - men, wen soll doch

chen, end - lich ge - rei - chen! Wen soll doch nicht erbar - men, wen soll doch

- lich ge - rei - chen! Wen soll doch nicht erbar - men, wen soll doch nicht er -

nicht erbar - men, dass ichs muss als er - ar - men, dass ichs muss als er - ar - men, ~ men!

men, dass ichs muss als er - ar - men, dass ichs muss als er - ar - men, wen ~ men!

bar - men, dass ichs muss als er - ar - men, dass ichs muss als er - ar - men, ~ men!

2. Ach starker Fels, lass dich eins bewegen!
Thu dir gewohnt her eins von der legen!
Wen soll doch nicht erbarmen, dass ichs muss als erarmen!

3. Ach vest'e Burg, lass dich doch eins gewinnen!
Ach reicher braun, lass mich nicht gar verbernen!

4. Ach Langsam, meck' doch dies wort darneben.

Wann er mich mit euer herl den tod wird geben,
So habt er auch, merkt eben, verwirkt eur junges leben.

Figura 11. Partitura Ach Hertz. Fonte: <http://imslp.org/wiki/File:PMLP-428371-RegnartJacob_Ach_hertzes_hertz.pdf>.

Partitura visual

Foram encontrados dois exemplos de projetos, com linguagens bastante distintas entre si, mas ambos com o mesmo intuito de representar de maneira mais visual e direta a leitura de uma partitura. O primeiro exemplo mostrado é mais abstrato e de caráter mais artístico, utilizando de círculos e quadrados que se distorcem e formas amebóides para representar os sons mais suaves ou agudos. O segundo é praticamente um infográfico, bem mais figurativa e informativa que a primeira, foi criada para ajudar o público a acompanhar o andamento da música durante a apresentação da orquestra. Apesar das diferenças, ambas soluções são bastante interessantes.

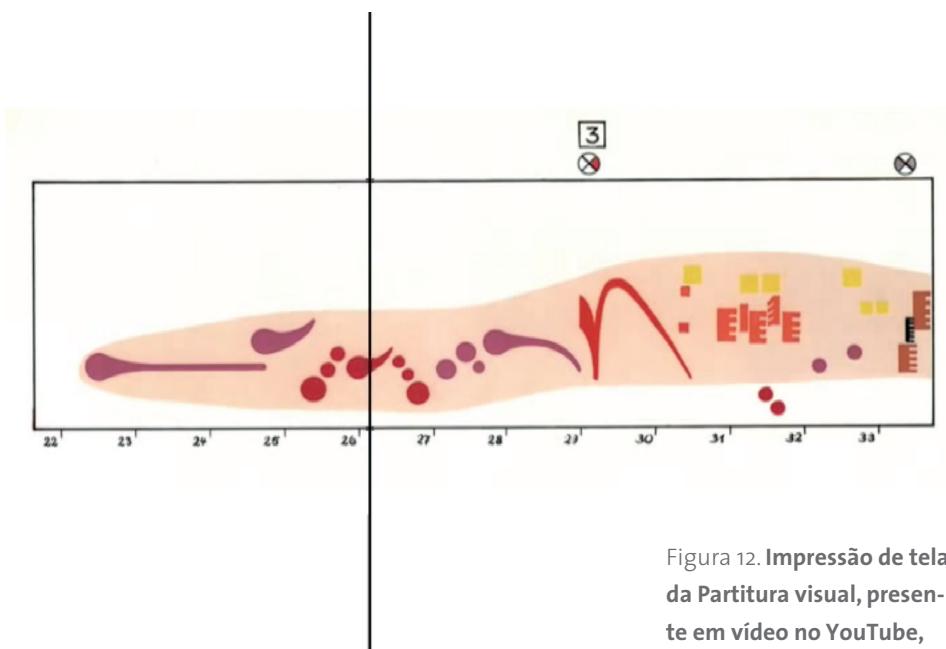


Figura 12. Impressão de tela da Partitura visual, presente em vídeo no YouTube, criada por Rainer Wehinger - visual listening score to accompany Gyorgy Ligeti's **Artikulation**. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=71hNl_skTZQ>

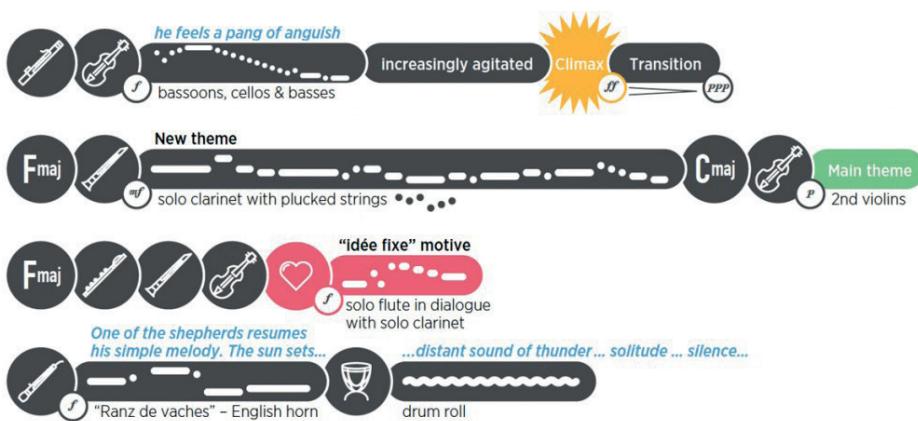


Figura 13. Detalhe do Guia musical da Orquestra Sinfônica de Totonto. Fonte: <<https://www.creativereview.co.uk/cr-blog/2016/may/how-the-toronto-symphony-orchestra-uses-graphic-design-to-guide-its-audiences-through-its-music/>>

Figura 14. Página do Guia musical da Orquestra Sinfônica de Totonto. Fonte: <<https://www.creativerview.co.uk/cr-blog/2016/may/how-the-toronto-symphony-orchestra-uses-graphic-design-to-guide-its-audiences-through-its-music/>>

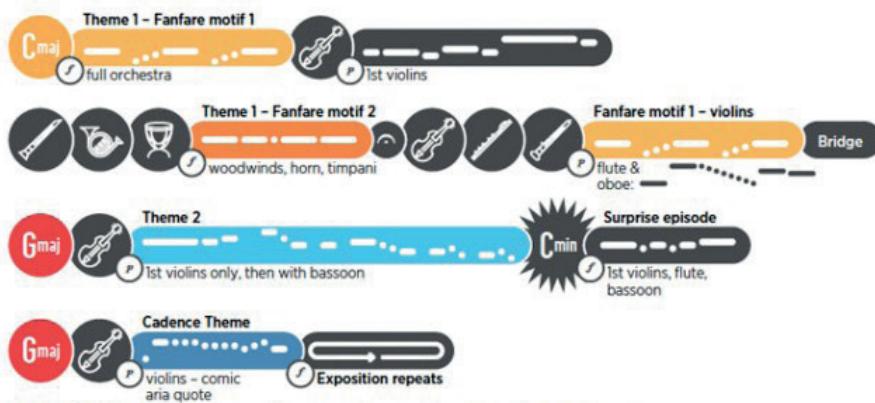
LISTENING GUIDE

W.A. Mozart
Symphony No. 41 in C Major, K. 551 "Jupiter"

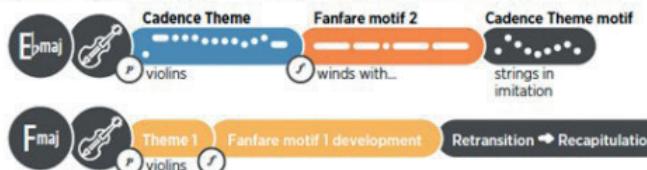
FIRST MOVEMENT



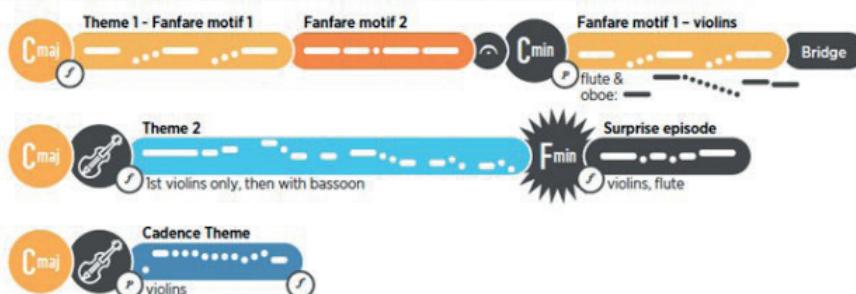
Exposition: initial presentation of thematic material



Development: thematic material developed and extended



Recapitulation: return of thematic material from the exposition



Livro ilustrado

Anteriormente, na pesquisa bibliográfica, foram abordadas as diferentes possibilidades que um livro ilustrado pode apresentar.

A seguir, algumas imagens de exemplo.



Figura 15 e 16. BISWAS, Pulak. RAVISHNTAR, Anushka. **Tigre em cima da árvore**. Rio de Janeiro, Manati, 2009. Fonte: LINDEN, 2011, p.96



Figura 17. **Exemplo de ilustração**. Fonte < <https://br.pinterest.com/pin/298222806559498028/>>. Acessado em 10 de out. de 2016

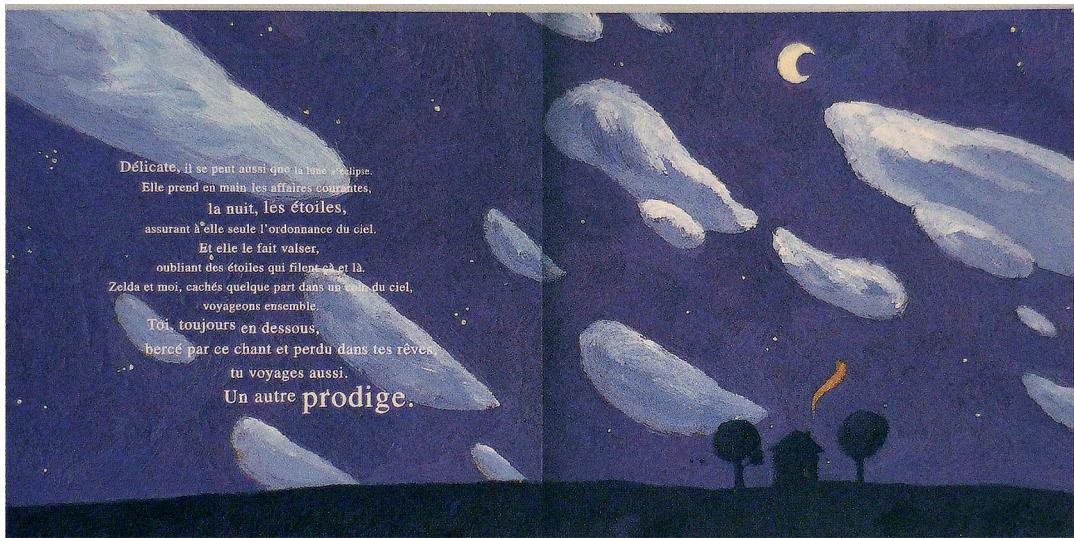


Figura 18. MEUNIER, Henri.
Ronde de nuit [Ronda noturna]. Rodez, Editions du Rouergue, 2002. Fonte: LINDEN, 2011, p.53

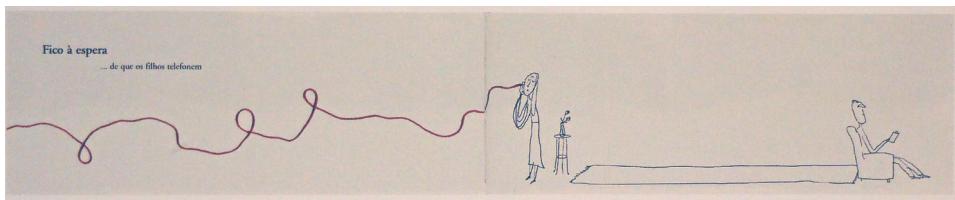


Figura 19. CALI, Davi-de. BLOCH, Serge. **Fico à espera...** São Paulo, Cosac Naify, 2007. Fonte: LINDEN, 2011, p.53

Emoticons/ Emojis

Outro exemplo de síntese visual que busca comunicar melhor as emoções nos chats de mensagem instantânea da internet. Linguagem bastante conhecida e utilizada pelas crianças, jovens e alguns adultos atualmente, com a popularização dos aplicativos de mensagens instantâneas.



Figura 20. **Exemplos de Emoji.** Fonte: <<http://getemoji.com/assets/og/mobile.png>> Acessado em 18 de mar. 2016

Poesia concreta

A poesia concreta é uma forma bem interessante de se trabalhar a tipografia enquanto imagem. As letras mudam de tamanho e cor; e sua organização no espaço da página gera formas diferentes, que transmitem uma mensagem tão importante quanto as palavras que compõem essas novas formas.

LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXOLUXOLUXO
LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXOLUXOLUXO
LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXOLUXOLUXO
LUXO	LUXO	LUXOLUXO	LUXO	LUXO LUXO
LUXO	LUXO	—LUXO—	LUXO	LUXO LUXO
LUXO	LUXO	LUXOLUXO	LUXO	LUXO LUXO
LUXOLUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXOLUXOLUXO
LUXOLUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXOLUXOLUXO
LUXOLUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXOLUXOLUXO

Figura 21. Exemplo de poesia concreta do autor Augusto de Campos. Fonte: <<http://nossabrasilidade.com.br/wp-content/uploads/2012/02/luxo.png>>. Acessado dia 28 de mai. 2016

QUI S

TUDO

TUDO

MUDAR

MUDE I

AGORA PÓS TUDO
EX TUDO

MUDO

Figura 22. Foto do catálogo
da exposição REVER de
Augusto de Campos. São
Paulo, 2016

poetas

chega de poesia

aos deuses ambrosia

a nós

2ª via

só cabe homens-sanduíche

anunciar

o que avisam

a vida

é kitsch

e eles

não bisam

Audiodescrição

Faixa narrativa adicional para cegos e deficientes visuais, onde se narra detalhes das cenas, cores, expressões, movimentos e personagens presentes em diversas formas de mídia, como televisão, cinema, dança, ópera e artes visuais. Por meio de um projeto de lei, a audiodescrição é obrigatória. O texto narrado, porém é feito de maneira direta e neutra, sem adição de diferentes entonações.

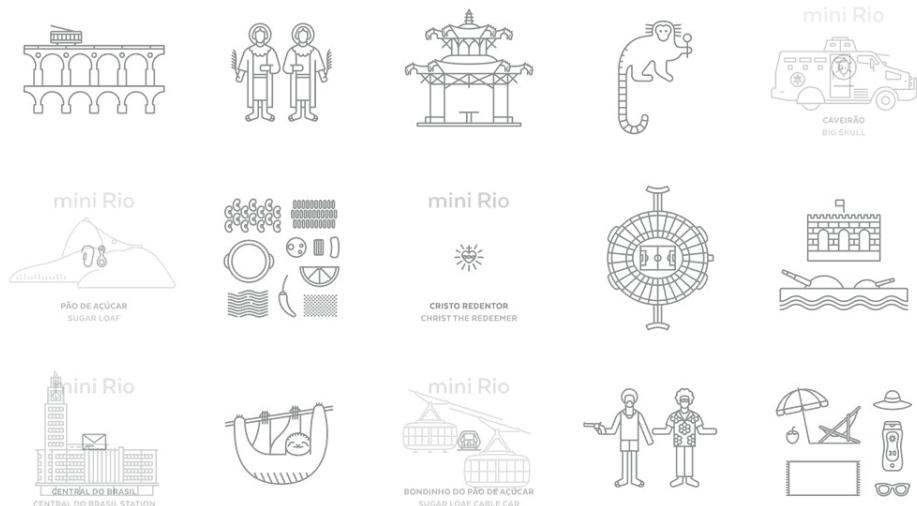
Pictogramas

São ícones, fruto de uma síntese visual de elementos mais complexos e criados para transmitir uma mensagem com uso de formas o mais simplificadas o possível, muitas vezes buscando uma linguagem universal e podendo ou não se utilizar de cores para transmitir a mensagem a qual se propõe.

Uma das principais aplicações é na área de sinalização.



Figura 23. **Maki icons**. Fonte: <<https://www.mapbox.com/maki-icons/>>. Acessado em 02 de dez. 2015



Figuras 24 e 25. **Pictogramas**

Mini Rio. Fonte: <<http://www.minirio.com.br/>>. Acessado em 27 de mai. 2016





Figura 26. Pictogramas olímpicos. Fonte: <<https://www.rio2016.com/noticias/conheca-a-historia-dos-pictogramas-dos-jogos-olimpicos>> Acessado em 01 de mar. 2016

4.c. ENTREVISTAS

Foi realizada uma série de entrevistas. Algumas, em momentos mais descontraídos de conversa possibilitaram a reflexão e questionamento, muitas vezes por parte dos próprios entrevistados, acerca de diferentes possibilidades para o projeto também. Diversas sugestões, feedbacks e críticas construtivas vieram desse tipo de conversa.

Como já dito anteriormente, uma grande questão que perdurou por um certo tempo foi a possibilidade de pautar o projeto com foco nos adultos que leem para as crianças, sejam pais ou professores, pois como diz Sophie Van der Linden (2011, p. 119), em seu texto, do ponto de vista de uma escritora: “*A maioria dos criadores, editores e mediadores do livro ainda destina o livro ilustrado aos leitores aprendizes (...) nesse caso a leitura do texto do livro ilustrado é feita em voz alta por um terceiro.*” Essa mudança de paradigma fica bastante evidente ao se comparar as primeiras e últimas entrevistas realizadas. Os relatos documentados são os seguintes:

Mãe 1

Amiga, Designer e ex-colega de trabalho, mãe de um menino de 7 anos. Nesse momento o projeto começava a tomar um rumo, mas o usuário do produto ainda não estava definido e até pendendo mais para o lado dos adultos.

Durante a conversa foi dada bastante ênfase ao fato de ela mesma não saber ler muito bem e como um sistema mais visual de símbolos poderia ajudar não só as crianças em seu aprendizado, mas também os pais que têm dificuldade de ler para os filhos, o que abria ainda mais a dúvida e mostrava mais fortemente a necessidade de focar em uma das partes, pois qualquer que fosse o foco, teria questões muito específicas e pouco congruentes entre si para serem resolvidas, visto que um usuário já possui conhecimento profundo da linguagem enquanto o outro ainda está iniciando a exploração desse universo tão complexo. Ao final da conversa, se disponibilizou a ajudar nos testes, junto com seu filho.

Mães 2 e 3

Conversa realizada durante um almoço, com duas mães e colegas de trabalho de uma amiga da faculdade. Como o projeto ainda estava em um estágio bem embrionário, foi uma conversa muito elucidativa que me ajudou a definir uma série de pontos em aberto.

Após uma apresentação inicial do projeto - muito bem recebida e com reações positivas à ideia apresentada, a conversa fluiu e, ambas as mães destacaram alguns pontos, entre eles, a importância da leitura dos pais para os filhos pequenos - ainda em fase pré-alfabetização - para que aprendam a ler bem também no futuro, já que a criança aprende muito observando e imitando as ações dos pais.

Também foi proposto definir uma idade para as crianças que seriam usuários do produto e a idade sugerida foi por volta dos 5 a 7 anos - momento em que ocorre a alfabetização e seria interessante essa idade, porque é quando ocorre o contato inicial da criança com a leitura e deveria ser, também, o primeiro contato com a entonação.

As entrevistadas também disseram que os pais, por experiência própria por parte delas, dificilmente tem tempo para preparar uma leitura com antecedência e esse ato se dá, normalmente a noite, após um dia cansativo de trabalho e antes de colocar a criança para dormir. Além desses pontos, foi discutida a possibilidade de uso de outros tipos de sistemas semelhantes para outras profissões, como atores, locutores, professores, além de terem reforçado a questão que estava pendente de pensar se o sistema teria o foco nos adultos que leem para crianças ou nas crianças que estão aprendendo a ler.

Durante a conversa, uma das mães colocou em questão se o sistema não engessaria a leitura, mas concluímos, ao final, que ele seria uma diretriz, não uma regra e que mais do que engessar, o intuito é dar liberdade para usar diferentes entonações.

Fonoaudióloga 1

Aluna recém-formada em fonoaudiologia pela Faculdade de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da USP e residente no Hospital Universitário da USP. Apresentei o tema do projeto e realizei algumas perguntas em relação aos símbolos utilizados pelos fonoaudiólogos e da forma como são utilizados. A conversa foi realizada com mensagens de texto e permitiu o conhecimento do Alfabeto fonético como projeto a ser investigado. A conversa está transcrita a seguir:

AUTOR: (após explicar o tema em linhas gerais) Gostaria de saber mais dos símbolos usados pelos fonoaudiólogos para representar a fala das pessoas.

FONO: “Vc quer focar na fala(articulação dos sons das palavras), na pragmática(entonação, emoção empregada na frase), na leitura, na voz? Tipo alguma forma gráfica que indique onde tem mais ênfase na leitura? Não tem a ver com o alfabeto fonético neh?!”

AUTOR: O que é esse alfabeto fonético?

FONO: “Normalmente, quando fazemos transcrição de discurso usamos alguns símbolos pra transcrever pausas, onde a pessoa colocou a tônica, sotaque, dá pra pegar essas coisas, mas fica uma transcrição meio difícil de ler, porque tudo vai pro alfabeto fonético. Agora sobre onde ter mais ênfase, não conheço :/ É como vc usa o alfabeto. Tipo, dá pra escrever “domingo” ou “dumingu”, como as pessoas falam normalmente. Nesse alfabeto [fonético] pega essas coisas. “Dexu” por “deixo”... Estou pegando exemplos ruins, mas o tipo de R que a pessoa usa, tem uns 4 sons pro R.

E são terapias diferente pros sons de cada sílaba pra arrumar a pronúncia da palavra e as terapias de discurso. Tem fono especialista nos dois. Porque frase envolve voz, pausas, muita coisa. Meio complexo.”

Professora e contadora de história

Professora de Educação Básica em uma escola da prefeitura de Guarulhos, atualmente na EPG Hamilton Félix de Souza. Ano passado (quando conversamos), na EPG Jeanete Beauchamp. Ambas escolas adotam o sistema da leitura diária (chamada na rede municipal de leitura deleite). Perguntei como se dava o processo de leitura para as crianças, se havia um preparo prévio e como era feito em relação às imagens contidas no livro. Ao final da entrevista, ocorreu algo bem interessante visto que a própria professora fez uma alusão à música para explicar a forma que ela lê, mesmo eu não tenho entrado tão a fundo na ideia que deu inicio ao projeto, parece que esse paralelo não é tão incomum, mas também não tão óbvio, visto que não foi explorado até agora. A conversa foi realizada também por meio de mensagens de texto e transcrita:

AUTOR: Você chega a ler o livro e preparar a leitura antes de dar uma aula? E como você faz quando o livro tem imagens?

PROFESSORA “Sim, leio algumas vezes antes, depende da complexidade do livro, se já o conheço ou não, mas leio pelo menos duas vezes, uma para ter uma ideia geral e outra para uma análise mais detalhada das imagens ou de outras intenções do autor.

Sobre a apresentação das imagens dos livros infantis, normalmente leio uma parte da história e a seguir mostro a imagem à turma. Quando a imagem tem detalhes muito pequenos, deixo os alunos se aproximarem do livro para ver ou então reproduzo as imagens em datashow. Ao final da leitura, passo o livro aos alunos para que eles possam ver com mais detalhes as ilustrações. Devido a isso, me preocupo em livros para a leitura compartilhada que tenham ilustrações maiores, porque mesmo que eu junte a turma, tenho 35 (alunos), rs

Quando eu vejo que o livro tem uma narrativa visual rica, ou seja, tem uma história paralela ao escrito, leio duas vezes com eles. Uma vez para entender de forma geral e outra com interferências, questionando sobre detalhes das imagens e debates de conclusões sobre o que entenderam entre imagem e história.”

AUTOR: Usando sua experiência de contadora, quais seriam as principais emoções que você precisa representar/interpretar normalmente quando lê para as crianças?

PROFESSORA: Eu costumo aumentar a entonação na leitura em momentos de suspense, nos pontos principais da história (que vão interferir no desfecho). Sobre os sentimentos, depende muito da história, mas quando tem cenas de fúria, tristeza, empolgação, descoberta...

Lembra muito como a gente interpreta uma música instrumental... Em momentos que precisa de algo mais detalhado, como um momento triste ou de mistério, diminuímos o ritmo e lemos mais baixo... Em momentos de fúria ou muita alegria, mais rápido, alto e agudo...

Amigo e pai

Conversa com um amigo e pai de uma menina de 5 anos e de um bebê de um ano. Falou para conversar com a esposa dele, que será apresentada a seguir. Deu bastante ênfase ao fato da filha gostar muito e sempre pedir para ele ler para ela antes de dormir e como ele tenta pular partes do livro que dizem coisas como “E o pai leu feliz” mas lendo com a entonação, sem citar essa observação do narrador. Também achou que o projeto poderia ajudar bastante.

Fonoaudióloga e professora e mãe

Esposa de meu amigo citado acima, mãe formada em fonoaudiologia e professora de uma escolinha de bairro. Em uma breve conversa que tivemos sobre o tema e, após perguntar se, na opinião dela, a fonoaudiologia ajudaria no projeto, a conclusão foi que seria mais interessante conversar com um profissional que entendesse de acústica e procurar textos relacionados ao tema ao invés de um fonoaudiólogo. Também foi levantada a possibilidade de fazer mais testes (quantitativos) com os alunos da escola onde essa professora leciona.

Professora

Amiga formada em pedagogia, nosso encontro foi ao acaso dentro do metrô onde, em uma breve conversa, fruto deste encontro casual, conversamos um pouco sobre questões que desembocaram no tema. Me foi indicada uma conhecida nossa, também formada em pedagogia, porém especializada na questão da alfabetização, para que ela pudesse sanar eventuais dúvidas sobre o assunto que tenha ficado pendente mesmo após as leituras. Também foi levantada a possibilidade de pautar parte dos argumentos em dados como, por exemplo, a taxa de analfabetismo.

5. EXPERIMENTOS

Ainda como uma parte da fase de pesquisa, mas em um momento em separado por ter um pé no desenvolvimento e devido à falta de material existente sobre o assunto mais específico do tema, a seguir serão apresentados uma série de experimentos realizados com o auxílio de mães, pais e seus filhos pequenos.

Ao todo foram realizados três testes com entrevistas aos pais. Foi um momento de prototipação rápida e um certo improviso para se ter maior noção da receptividade da ideia fora do papel, disponibilizando algo mais palpável para os entrevistados poderem analisar. Além disso, a prototipação permite abrir a mente e enxergar possibilidades diferentes, pensando diferentes linguagens, que seriam mais adequadas ao produto final. Os testes foram muito importantes para determinar, de forma mais efetiva, o que funciona e o que não funciona, utilizando sempre o feedback para refinar os partidos até, por fim, ter material suficiente para gerar os **REQUISITOS DE PROJETO** que nortearão a fase de **desenvolvimento**.

EXPERIMENTO 1

Primeiro teste qualitativo realizado com o filho de 7 anos de uma das entrevistadas - que se ofereceu para ajudar nos testes. A mãe levou o livro que “CABELOS”, por ser um livro que o filho gosta de ler e reler.

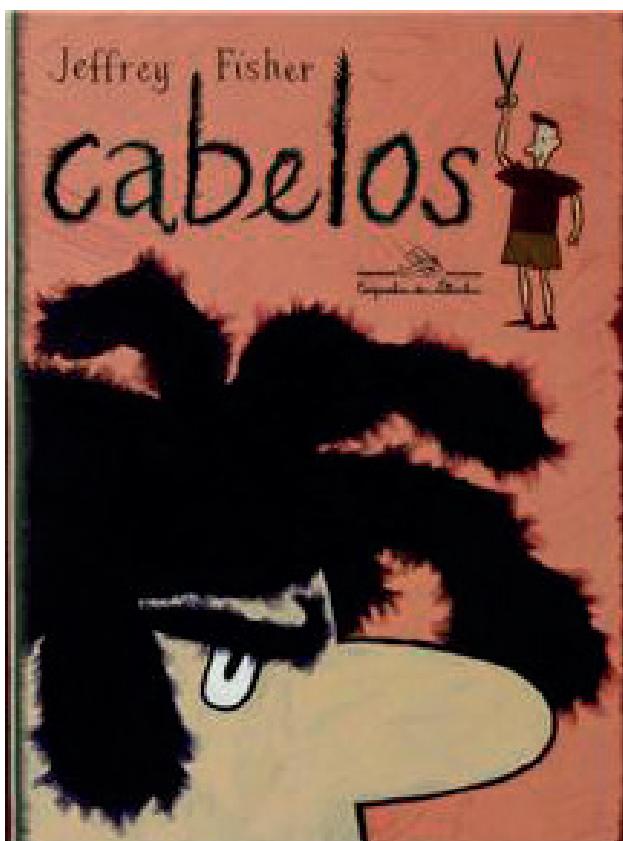


Figura 27. **Experimento 1.**
Capa do livro “Cabelos”. Cia
das Letrinhas, 2009.

Após ler o livro uma vez sozinho, posicionei eu mesmo, ao lado de algumas passagens de texto, as figurinhas e pedi para que a criança lesse de novo essas partes, mas agora imitando as figurinhas. Depois, foi pedido para a própria criança encaixar as figuras no livro.



Figura 28. **Experimento 1 - linguagem 1: Balões.**

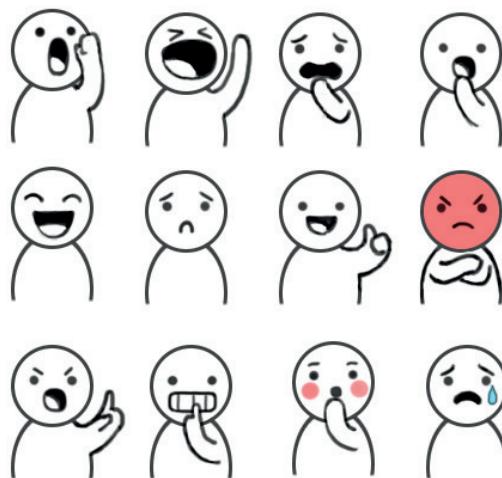


Figura 29. **Experimento 1 - linguagem 2: Bonequinhos**

Os resultados percebidos foram:

- Logo de cara a criança descartou a linguagem de balões de fala, como nos quadrinhos;
- Linguagem de rostos com expressões faciais, próximas aos emojis, pareceu adequada. A criança mostrou uma familiaridade com a linguagem mostrada.
- Criança imitou a expressão do rosto ao ler o livro e isso, de fato, mudou a entonação e o modo como ela usou não só o rosto, mas também o gesto durante a leitura;
- Principais emoções utilizadas quando a própria criança montou as figuras no texto: Alegria, Raiva, Dúvida, Impressionado e Tristeza;
- Criança gostou bastante de montar as figuras ao lado do texto e o fez, muitas vezes, se baseando nas ilustrações da página que acompanhava o texto. A colocação das figuras no texto se tornou uma atividade lúdica.

EXPERIMENTO 2

Neste segundo teste, foi utilizada uma cartela de adesivos - algo mais interativo que papéis cortados como no experimento 1 - para ver a reação da criança, testar sua aplicabilidade no livro e a mudança - ou não - que a utilização deste sistema causaria na leitura. A criança também desenhou, em um papel e em uma outra cartela de adesivos, como ela representaria os rostos que haviam sido citados no experimento anterior como os mais utilizados.



Figuras 30, 31, 32 e 33. **Experimento 2.** Da esquerda para direita: Cartela de adesivos; detalhe do adesivo colado sobre texto; criança colando adesivo no livro; e criança lendo.

As seguintes impressões foram registradas durante o teste:

- As partes do texto onde ocorre a fala do Narrador possuem uma leitura neutra - com pouca, ou nenhuma transmissão de emoções durante a fala;
- Entonação entra mais predominante nas partes do livro onde ocorre a fala de personagens;
- Cores podem ajudar na leitura de algumas emoções, mas deve se fazer de forma a não intervir nas ilustrações já presentes no livro;
- Sistema ajudaria os pais durante a leitura e os incentivaria a prestar mais atenção junto aos filhos no ato de leitura.
- Utilizar um sistema de símbolos fechado (dar os rostos prontos, ao invés de dar várias opções de olhos, e bocas, por exemplo, ou deixar a criança criar os próprios adesivos)
- A cartela de adesivos foi muito bem recebida e o ato de descolar da cartela e posicionar no livro foi uma atividade que a criança fez com bastante prazer.

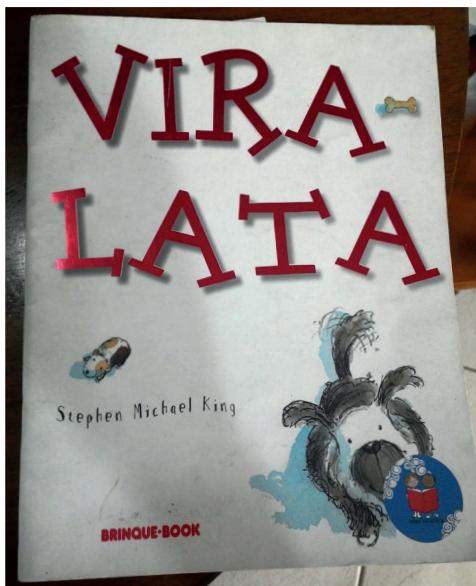
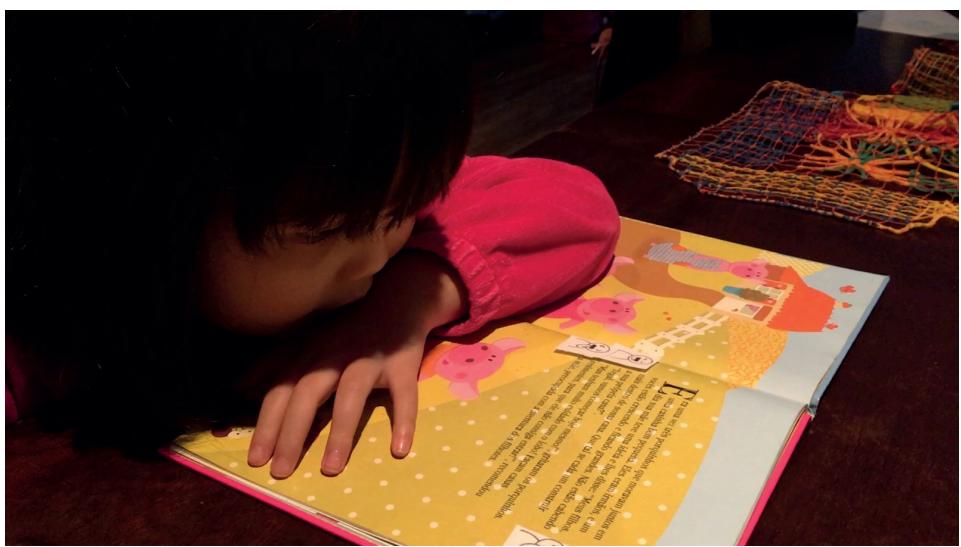
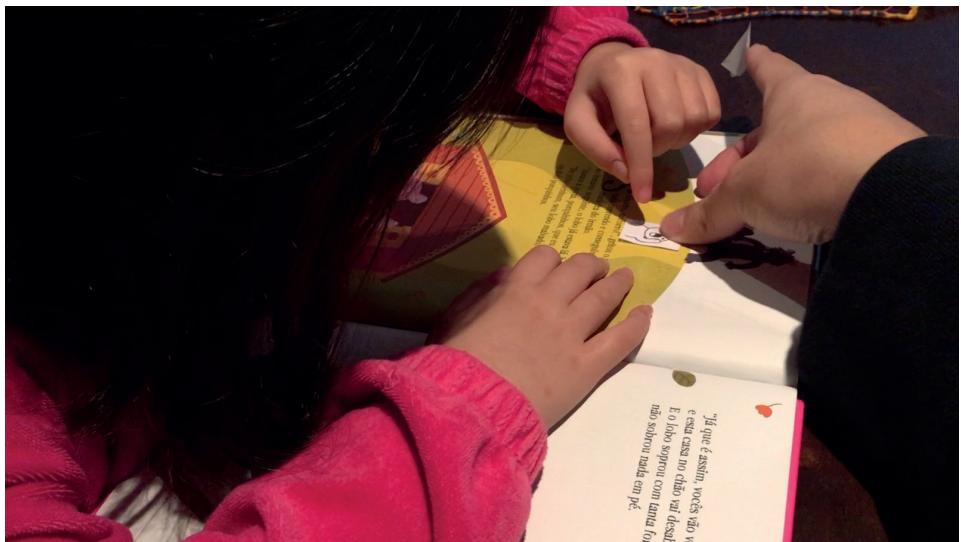


Figura 34. Experimento 2 - Foto da capa do livro “Vira Lata”. KING, Stephen Michel. Brinque-Book.

EXPERIMENTO 3

Realizado com a filha de um amigo. A menina tem 6 anos e ainda está no início da fase de alfabetização. Um viés deste experimento foi, não só a maior dificuldade de leitura da criança, mas o pouco prazer durante a leitura. Neste caso, foram utilizados as mesmas figuras do **experimento 1**, mas com fita adesiva atrás para simular adesivos.

- Não queria colar os adesivos em um primeiro momento- medo de estragar o livro com a cola
- Durante a aplicação dos adesivos, lendo isoladamente o trecho enquanto colava o adesivo, a leitura com entonação ocorreu
- No segundo momento de leitura, dessa vez ininterrupta, com os adesivos já colados ao lado do texto, não houve atenção à entonação, somente à leitura dos fonemas.
- Pai interviu somente durante a colagem dos adesivos.



Figuras 35 e 36. **Experimento 3.** Criança colocando os bonecos ao lado do texto e criança lendo o livro com as figurinhas, respectivamente.

Ao final destes experimentos, tendo as reações das crianças, somadas à pesquisa e às percepções de professores que realizaram uma pré avaliação do projeto, constatou-se que a criação de uma linguagem de símbolos talvez não fosse a melhor saída para a questão proposta. Um resultado bastante frustrante, mas também uma oportunidade para uma grande mudança de paradigma que pode ser vista pelos rumos que o projeto tomou até chegar no resultado final.

6. REQUISITOS DE PROJETO

Com tudo o que foi abordado até o momento, já é possível traçar algumas diretrizes, questões intrínsecas a serem seguidas pelo projeto. Deste modo, foram definidos os seguintes requisitos:

- Utilizar de linguagem, sobretudo, visual
- Crianças devem se sentir atraídas pela solução encontrada
- Representar diferenças de entonação possíveis no texto.
- Não seja necessário um aprendizado prévio complexo, como na música.
- Adulto pode se sentir beneficiado pelo sistema tanto quanto a criança
- Poder utilizar-se de elementos visuais e de linguagens conhecidas pelo eventual usuário
- Mostrar também emoções mais sutis

7. GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS

A geração de alternativas é a etapa que marca, de fato, o início do projeto. É o momento em que as ideias começam a sair da mente e deixam de ser algo abstrato para se tornarem sketches, rascunhos mais palpáveis e passíveis de um refinamento, feito, principalmente, por meio de brainstorming. Tendo em mãos os rascunhos e os Requisitos, realizou-se um confronto entre possíveis soluções e as diretrizes definidas. Filtrando as soluções e mantendo somente aquelas que atendessem os requisitos.

As soluções pensadas seguiam caminhos bastante distintos, sendo a ideia inicial a de se utilizar de um sistema de símbolos, impressos em adesivo para serem colados ao lado do texto. Após o feedback da banca avaliadora do TCC1, tal ideia acabou sendo deixada de lado, após ser levantada a possibilidade de se utilizar, como solução, um sistema existente, como a própria tipografia ou mesmo a ilustração, ao invés de propor algo novo.

A seguir, é possível ver o registro de rascunhos diferentes, desde os rascunhos iniciais que foram para o TCC1, até o resultado da ideia de ilustrar um conto existente de um autor brasileiro e por fim, o início daquilo que veio a se tornar o produto final deste TCC.

Figuras 37, 38 e 39. De cima para baixo, balões com onomatopéias; primeiros rascunhos para uma linguagem de símbolos e evolução da ideia anterior vetorizada.



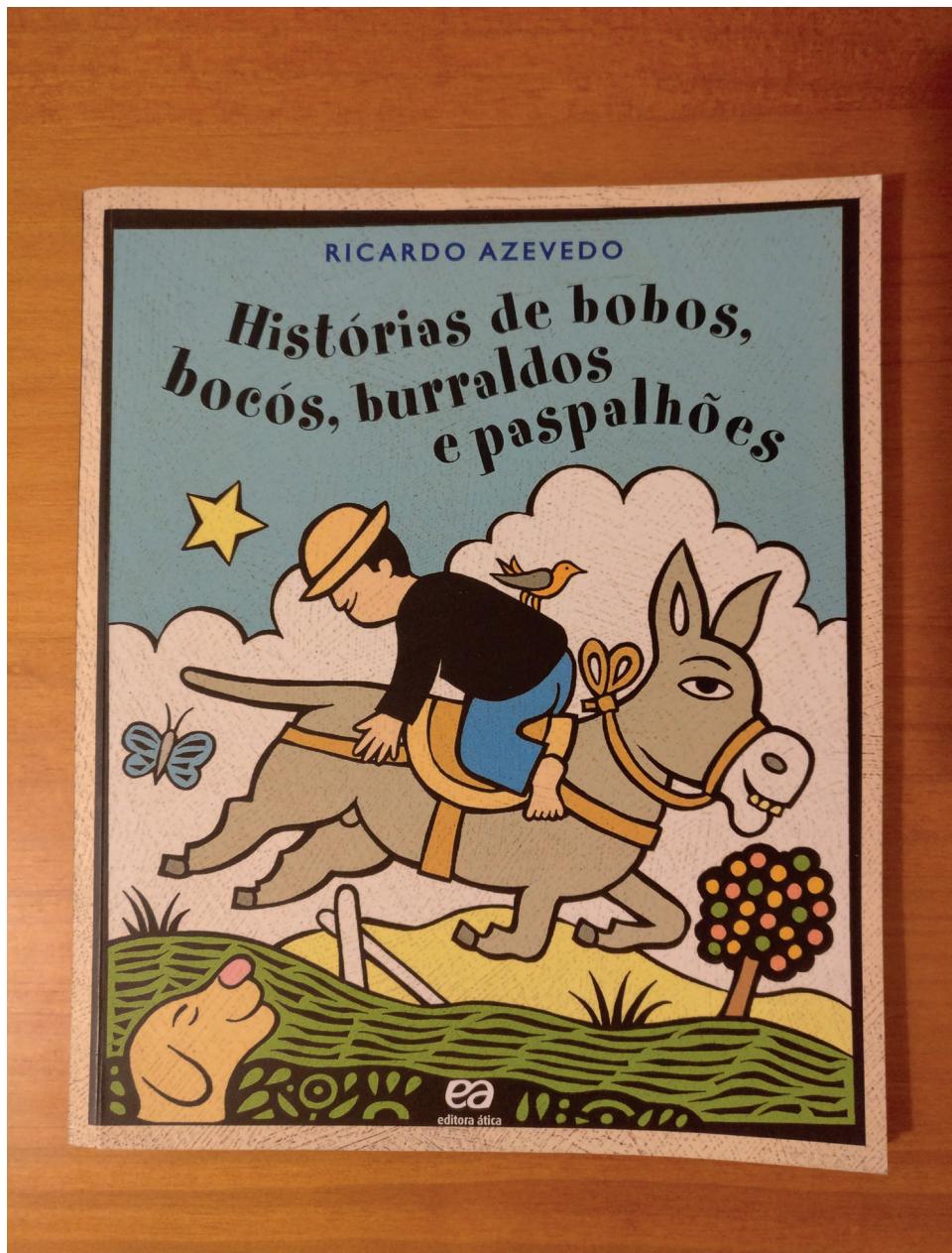


Figura 40. Capa do livro “Histórias de bobos, bocás, burraldos e paspalhões”, de Ricardo de Azevedo. Onde se encontra o conto de Mané Bocó.

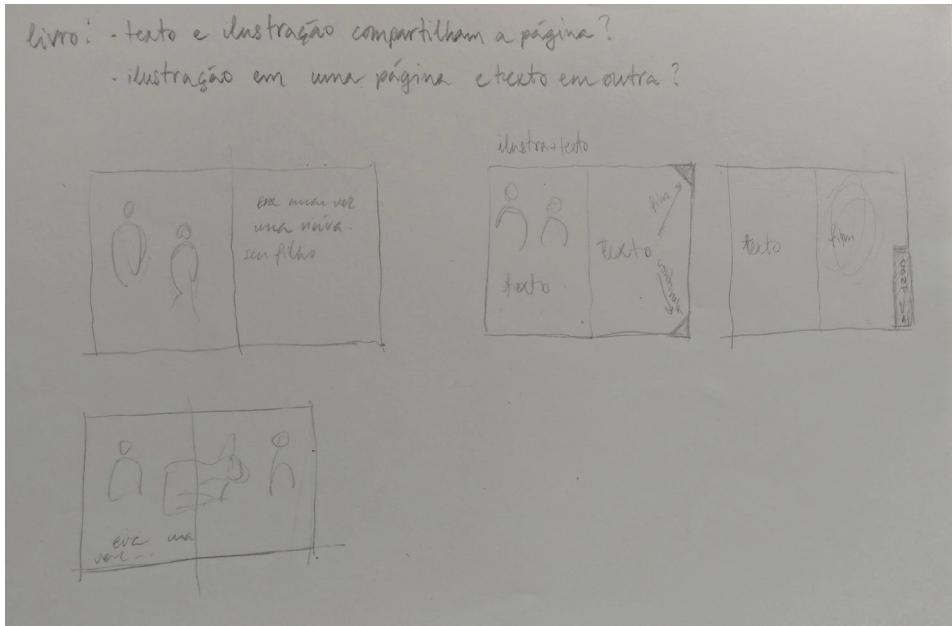


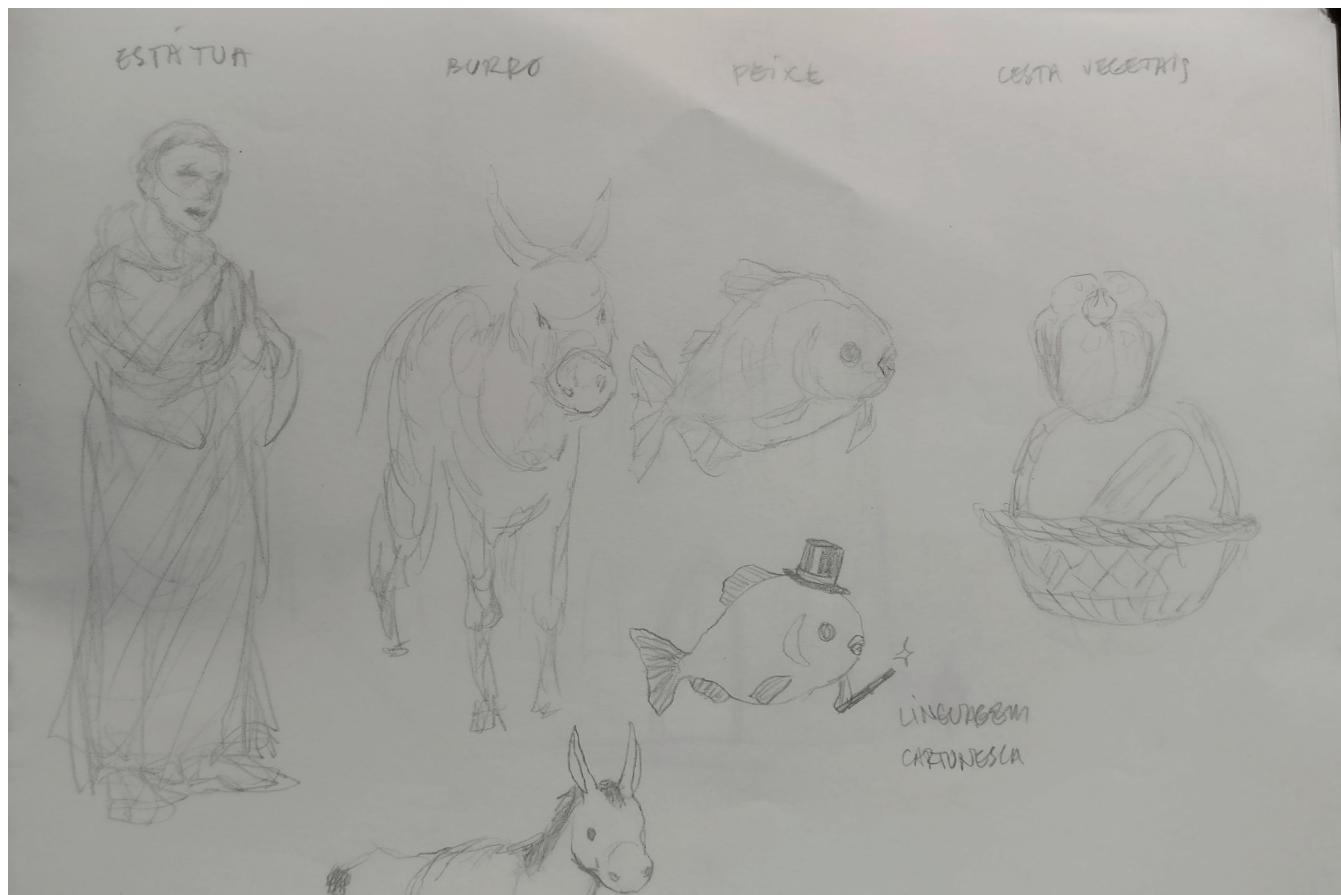
Figura 41. Rascunho de diferentes ideias para caminhar por entre as páginas do livro.



Figura 42. Rascunho do primeiro boneco do livro.

MARINÉ BOČO





Figuras 43 e 44. Rascunhos
em busca de uma lingua-
gem para as ilustrações.



Figura 45. Rascunhos colorido.



Figura 46. Página com ilustração mais finalizada e texto posicionado.

Era uma vez uma viúva. Seu filho, conhecido como Mané Bocó, tinha bom coração, mas vivia fazendo besteira e aprontando as piores trapalhadas. Preocupada, a pobre mulher não sabia mais o que fazer.



Figuras 47 e 48. Semelhante à proposta anterior, mas utilizando situações cotidianas e para um projeto mais autoral.

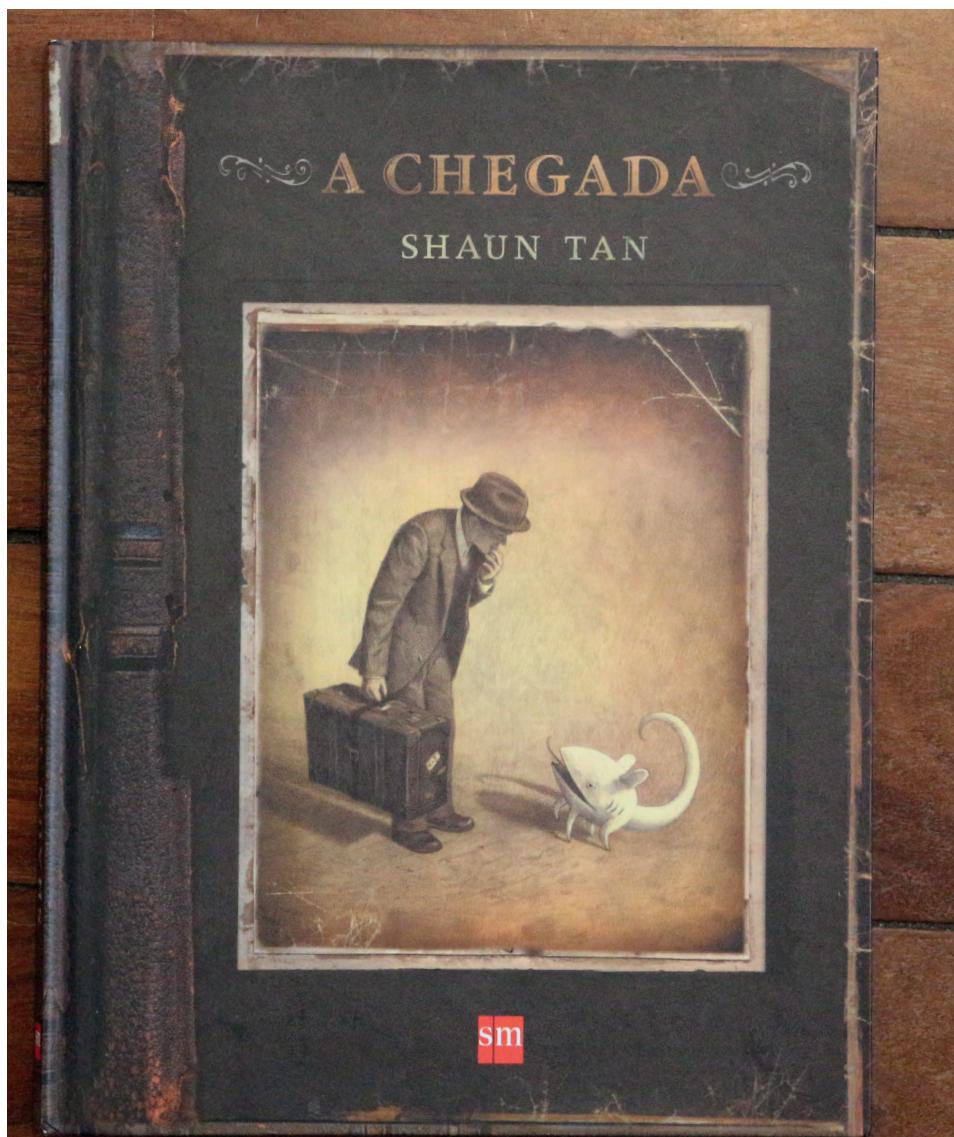


8. DEFINIÇÃO DE PARTIDO

O partido escolhido foi a criação de um livro com situações cotidianas ilustradas de forma a mostrar diferentes entonações. As imagens mostram os livros que serviram de inspiração como linguagem visual para o resultado, bem como uma evolução das ilustrações até o que será mostrado nos **Resultados**.



Figura 49 e 50. **Páginas e capa do livro “A Chegada”, TAN, Shaun.** Usado como referência visual para o refinamento da linguagem do projeto.





Figuras 51, 52 e 53. **Livros que compõe a chamada “Trilogia da Imagem”, de Suzy Lee.** Usados como referência visual e inspiração para o refinamento da linguagem do projeto.

SOMBRA

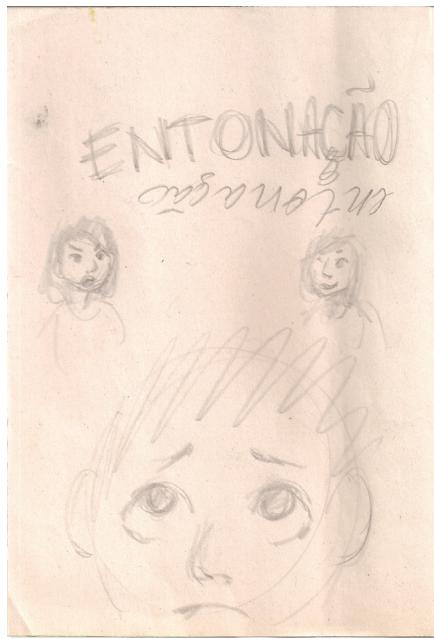


Suzy Lee



Suzy Lee

Foram explorados caminhos de ilustração indo numa direção mais realista e também com uma linguagem mais voltada para o cartoon, com linhas mais exageradas. Por fim, foram feitos alguns testes e estudos para a capa do livro,



Figuras 54 e 55. **Estudos para capa do livro ilustrado.**



Figura 56. Proposta de ilustração mais voltada para um estilo realista, pensando nos livros do Shaun Tan.



venha
agora



sentindo-se
muito



Figuras 57 e 58. Propostas
de ilustrações já contendo
alguns exageros.

9. RESULTADOS

As imagens a seguir representam os resultados obtidos ao final de todo esse trabalho de conclusão.



Figura 59. **Folha de rosto.**

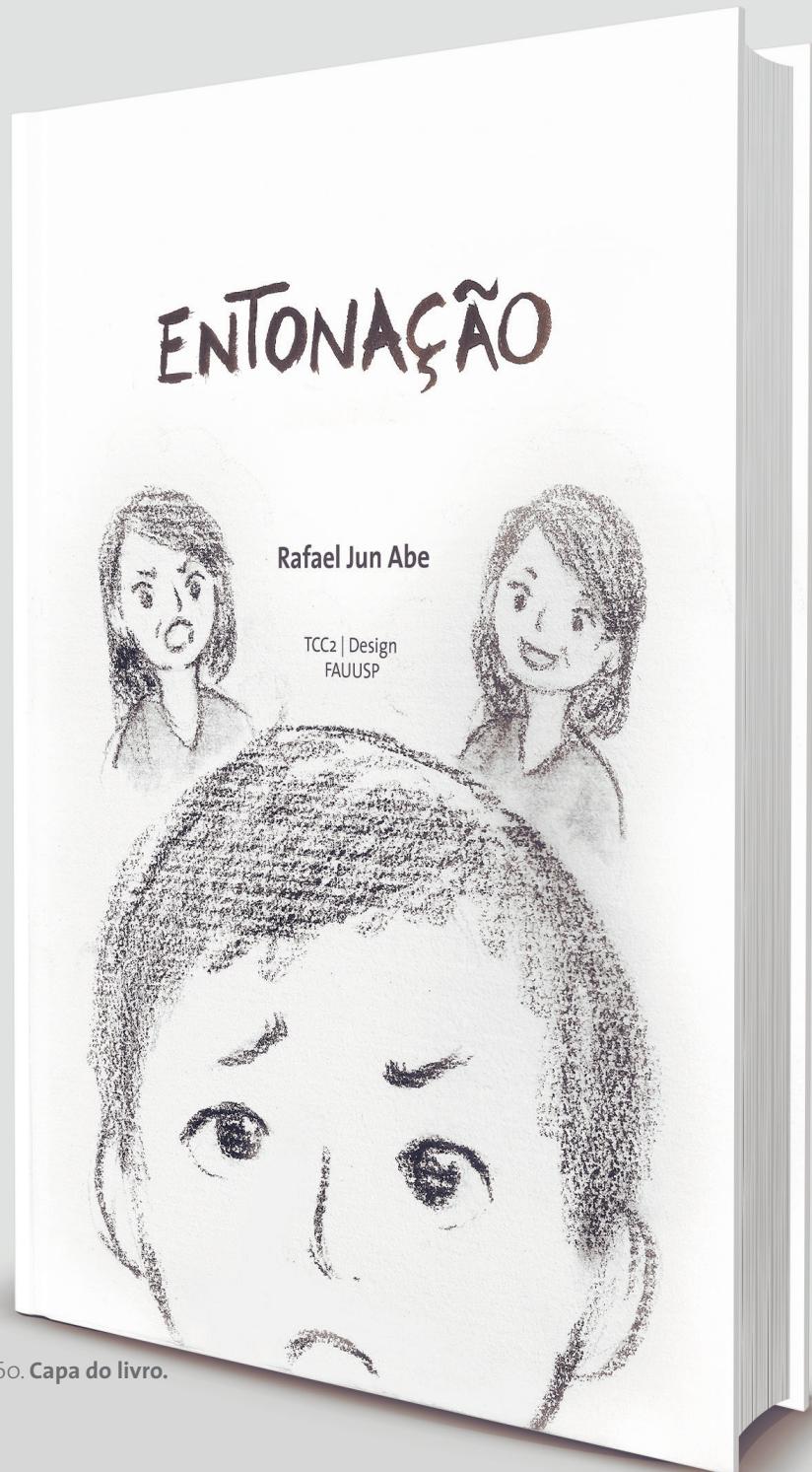


Figura 60. Capa do livro.

*filho,
Venha
aqui!*

Figura 61. Exemplo de pági-
na dupla.



... ou

FILHO,
VENHA
AQUI!



10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do projeto foi possível ter uma percepção real do processo de design como uma área interdisciplinar. Ver o projeto como uma forma de aprendizado de outras áreas ou mesmo uma maneira de se buscar uma solução, para qualquer questão, pensando de forma aberta e flexível, sem se apegar a um resultado final, mas buscando se manter sempre aberto a mudanças e resolvendo os problemas que aparecem conforme o trabalho avança. Isso pode ser considerado um dos maiores ganhos pessoais obtidos por meio deste trabalho. Aprender a abrir mão de algumas ideias e saber quando parar ou quando continuar.

Todo o processo e a toda a experiência adquirida por meio dele, desde sua concepção até sua criação, são muito ricos, porém muito menos palpáveis que o resultado final. Há a possibilidade que parte desse árduo processo transpareça, de alguma forma, no produto final, porém todas as barreiras e dificuldades enfrentadas – e transpostas – são visíveis apenas ao autor do projeto.

Por fim, é importante enfatizar que parte do intuito deste trabalho foi iniciar uma discussão mais profunda sobre a forma como a entonação é aplicada em diversas situações cotidianas e seus impactos não só na comunicação, mas na relação entre as pessoas. Além de tentar auxiliar no entendimento da expressão verbal e mesmo corporal, por meio do uso de ilustrações e da tipografia, fazer com que as pessoas dêem mais atenção não só às palavras que utilizam, mas à forma como as utilizam.

11. BIBLIOGRAFIA

ARTIGOS

D.R. HUNT, Olson Hunt apud WILKINSON, Jeffery Wilkinson. **Children's Writing: Composing or Decomposing?**. Nottingham Linguistic Circular, n.10, v.1, jun.1981, p.73.

LANDES, Sonia. **Picture Books as Literature**. Children's Literature Association Quarterly, n.10, v.2, verão 1985, p.52

MOEBIUS, William. **Introduction to Picture Book Codes**. Word and Image, n.2, v.2 abril-junho, 1986, pp.141-58, na p.151.

PRUDENTE, Juliana J. Rodrigues. **Métodos e técnicas de alfabetização**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/metodos-e-tecnicas-de-alfabetizacao/63002/>> Acessado em 07 de mai. 2016

SALLES, Cecilia Almeida e CARDOSO, Daniel Ribeiro. **Crítica genética em expansão**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000100019&script=sci_arttext> Acessado em 26 de abr. 2016

VISVANATHAN, Christianne. **Métodos sintéticos ou analíticos**. Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/metodo-de-alfabetizacao.htm>> Acessado em 21 de mar. 2016

GUILHERME, Denise. **É Possível ler mesmo sem saber ler?**. Disponível em: <<http://ataba.com.br/e-possivel-ler-mesmo-sem-saber-ler>> Acessado em 21 de ago. 2016

BANCO DE DADOS

Crianças de 5 a 9 anos. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CAJ501&t=criancas-5-9-anos>>. Acessado em 31 de mai. 2016

Taxa de frequencia em escolas e creches. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CAJ318&t=taxa-frequencia-escola-creche-criancas-o>>. Acessado em 31 de mai. 2016

Taxa de analfabetismo funcional. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD384&t=taxa-analfabetismo-funcional>>. Acessado em 31 de mai. 2016

Taxa de analfabetismo por grupos de idade. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD171&t=taxa-analfabetismo-grupos-idade>>. Acessado em 31 de mai. 2016

Projeto de lei audiodescrição. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/99600>>. Acessado em 07 de jun.2016

PROJETOS

Bengala Legal. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/>>. Acessado em 28 de mai. 2015

Maki icons. Disponível em: <<https://www.mapbox.com/maki/>>. Acessado em 12 de nov.2015

História dos pictogramas Olímpicos. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/noticias/conheca-a-historia-dos-pictogramas-dos-jogos-olimpicos>>. Acessado em 08 de abr. 2016

Pictogramas Olímpicos. Disponível em: <<http://www.brzcomunicacao.com.br/pictogramas-olimpicos/>>. Acessado em 01 de abr. 2016

Projeto MiniRio. Disponível em: <<http://www.minirio.com.br/>>. Acessado em 03 de jun. 2016

Ver com palavras. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/>>. Acessado em 10 de fev.2016

NOTÍCIAS

How the toronto symphony orchestra uses graphic design. Disponível em: <<https://www.creativereview.co.uk/cr-blog/2016/may/how-the-toronto-symphony-orchestra-uses-graphic-design-to-guide-its-audiences-through-its-music/>>. Acessado em 10 de fev. 2016

Importância da leitura na sala de aula. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/importancia-leitura-sala-aula-fluencia-leitora-748409.shtml?page=0>>. Acessado em 10 de fev. 2016

Uma em cada cinco crianças de oito anos não sabe ler frases, diz MEC. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/uma-em-cada-cinco-criancas-de-oito-anos-nao-sabe-ler-frases-diz-mec.html>> Acessado em 31 de mai. 2016

Aprovado projeto de lei que exige audiodescrição. Disponível em: <<https://www.exibidor.com.br/noticias/mercado/3960-projeto-de-lei-que-exige-audiodescricao-em-cinemas-e-aprovado-por-comissao-do-senado>>. Acessado em 07 de jun. 2016

VIDEOS

Rainer Wehinger visual listening score to accompany “Artikulation” by Gyorgy Ligeti. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=71hNLskTZQ>>. Acessado em 08 de mar. 2016

O que é Semiótica. Disponível em:<<https://vimeo.com/113075830>>. Acessado em 01 de jun. 2016

“Musicality” by Vsauce2. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=r4HOOfBUIE4>>. Acessado em 01 de jun. 2017

SITES

Características psicológicas crianças. Disponível em: <<http://educacao.aal-deia.net/category/caracteristicas-psicologicas/>>. Acessado em 01 de jun. 2016

Colocação do tom de voz. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/midiasnaeducacao/oficina_radio/edicaosom_colocacaodevoz.htm>. Acessado em 09 de mai. 2016

Métodos de Alfabetização. Disponível em: <<http://alfabetizacaotempocerto.comunidades.net/metodos-de-alfabetizacao>>. Acessado em 21 de abr. 2016

Método Alfabético e de soletração. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/metodo-alfabetico-e-de-soletracao>>. Acessado em 21 de abr. 2016

O que é Gestalt? Disponível em: <<http://chocoladesign.com/o-que-e-gestalt>>. Acessado em 03 de jun 2016

Partituras coral. Disponível em: <http://imslp.org/wiki/Main_Page>. Acessado em 01 de jun. 2016

PCN - LP. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acessado em 02 de jun. 2016

Sobre o PCN - LP. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/parametros-curriculares-nacionais-da-lingua-portuguesa/>>. Acessado em 02 de jun. 2016

SITES

Wikipédia. Analfabetismo funcional. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Analfabetismo_funcional>. Acessado em 01 de jun. 2016

Wikipédia. Entonação. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Entona%C3%A7%C3%A3o>>. Acessado em 10/02/2016

Wikipédia. Envelope Dinâmico. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Envelope_%28modula%C3%A7%C3%A3o%29>. Acessado em 10 de fev. 2016

Wikipédia. Espectograma do som. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Espectrograma#Espectrograma_do_Som>. Acessado em 10 de jun. 2016

Wikipédia. Gestalt. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gestalt>>. Acessado em 10/02/2016

Wikipédia. Método Fônico. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_f%C3%B4nico>. Acessado em 10 de fev. 2016

Wikipédia. Pictograma. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pictograma>>. Acessado em 10/02/2016

Wikipédia. Percepção Visual. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Percep%C3%A7%C3%A3o_visual>. Acessado em 10/02/2016

LIVROS

Ilustração e Livro infantil

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas.** São Paulo, Martins Fontes, 2008.

HATT, Frank. **The Reading Process. A framework analysis and description.** Londres/ Hansen, CT: Clice Bingley/ Linnet, 1976.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil.** 1^a edição. São Paulo, Cosac Naify, 2014.

LEE, Susy. **A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee.** São Paulo, Cosac Naify, 2012.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o Livro Ilustrado.** São Paulo, Cosac Naify, 2014.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: Palavra e imagens.** São Paulo, Cosac Naify, 2014.

OLIVEIRA, Ieda. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: Com a palavra o ilustrador.** São Paulo, editora DCL, 2008.

POWERS, Alan. **Era uma vez uma capa: A história ilustrada da literatura infantil.** 1^a reimpressão. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

Educação

LERNER, Delia. **É possível ler na escola?**. Coletânea de textps da cartilha do Programa de formação de professores alfabetizadores, Módulo 2. Ministério da Educação, 2001. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/col_2.pdf >

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e Alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento.** São Paulo, Cortez Editora, 2013.

ZAMBOM, Caroline. Prisma: **Material de apoio à alfabetização de crianças dislexicas.** Trabalho de Conclusão. São Paulo, FAU USP, 2014

Percepção e sítese visual

ARNHEIM, Rudolph. **Arte e percepção visual.** Paraná, Champagnat, 1997.

GOMBRICH, E. H. **O sentido de ordem: Um Estudo Sobre a Psicologia da Arte Decorativa.** São Paulo, Editora Bookman, 2012.

GOMBRICH, E. H. **Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica.** São Paulo. Martins Fontes, 2007

MASSIRONI, Manfredo. **Ver pelo desenho: Aspectos técnicos, cognitivos e comunicativos.**

Processo de criação

SALLES, Cecilia Almeida e CARDOSO, Daniel Ribeiro. **Crítica genética em expansão.** Disponível em: <http://www.hrenatoh.net/curso/proccria/CriticaGeneticaemExpansao_CeciliaSalles.pdf>

Referências Visuais

BANYAI, Istvan. **O outro lado.** São Paulo, Cosac Naify, 2009.

TAN, Shaun. **Contos de lugares distantes.** São Paulo, Cosac Naify, 2013

TAN, Shaun. **A Chegada.** São Paulo, SM editora, São Paulo, 2011.

LEE, Susy. **A Onda.** São Paulo, Cosac Naify, 2012.

LEE, Susy. **A Sombra.** São Paulo, Cosac Naify, 2010.

LEE, Susy. **O Espelho.** São Paulo, Cosac Naify, 2009.

